

Contos de Oficina

Organização
Allison Leão

Contos de oficina

Organizador
Allison Leão

Nepan Editora
Rio Branco - Acre
2022



N E P A N

Editora do Núcleo de Estudos das Culturas Amazônicas e Pan-Amazônicas

www.nepaneditora.com.br | editoranepan@gmail.com | 68 99940-6513

Diretor administrativo: Marcelo Alves Ishii

Conselho Editorial: Agenor Sarraf Pacheco (UFPA), Ana Pizarro (Universidade de Santiago do Chile), Carlos André Alexandre de Melo (Ufac), Elder Andrade de Paula – (Ufac), Francemilda Lopes do Nascimento (Ufac), Francielle Maria Modesto Mendes (Ufac), Francisco Bento da Silva (Ufac), Francisco de Moura Pinheiro (Ufac), Gerson Rodrigues de Albuquerque (Ufac), Hélio Rodrigues da Rocha (Unir), Hideraldo Lima da Costa (Ufam), João Carlos de Souza Ribeiro (Ufac), Jones Dari Goettert (UFGD), Leopoldo Bernucci (Universidade da Califórnia), Livia Reis (UFF), Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro (Ufam), Marcela Orellana (Universidade de Santiago do Chile), Marcello Messina (UFPB/Ufac), Marcia Paraquett (UFBA), Marcos Vinicius de Freitas Reis (Unifap), Maria Antonieta Antonacci (PUC-SP), Maria Chavarria (Universidade Nacional Mayor de São Marcos, Peru), Maria Cristina Lobregat (Ifac), Maria Nazaré Cavalcante de Souza (Ufac), Miguel Nenevé (Unir), Raquel Alves Ishii (Ufac), Sérgio Roberto Gomes Souza (Ufac), Sidney da Silva Lobato (Unifap), Tânia Mara Rezende Machado (Ufac).



Wilson Miranda Lima
Governador do Estado do Amazonas

Secretaria de
**Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação**

Jório de Albuquerque Veiga Filho
Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação - SEDECTI



Márcia Perales Mendes Silva
Diretora-Presidente da Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado do Amazonas

SEGUNDA OFICINA
laboratório editorial

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C763

Contos de oficina / organizador Allison Leão. – Rio Branco: Nepan Editora, 2022.

86 p.

E-book no formato PDF.

Esta obra foi financiada pelo governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

ISBN: 978-65-89135-73-9

1. Produção literária. 2. Literatura. 3. Textos literários. I. Título.

CDD 22. ed. B869.3

Bibliotecária Maria do Socorro de O. Cordeiro – CRB 11/667



Secretaria de
**Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação**



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Esta obra foi financiada pelo governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM

SUMÁRIO

Apresentação	8
<i>Allison Leão</i> <i>Manaus, novembro de 2022.</i>	
Duas vidas	11
<i>Adoneles Júnior</i>	
Às três da tarde	17
<i>Ataide Junio Fonseca Martins</i>	
Aquela varanda	21
<i>Bianca Souza de Araújo Pinheiro</i>	
Jonas, o conformado	24
<i>Bruno Bonates</i>	
A liberdade é um fardo	25
<i>Caroline Salignac</i>	
A maçã	27
<i>Cátia Siqueira Taboada</i>	
O rinoceronte	28
<i>Daniel Ascensão Amorim</i>	
A gradação de X e Y até Z	29
<i>Douglas Laurindo</i>	
O sorriso de Monalisa	32
<i>Emanuelle Antunes Valente</i>	

Aqui, maldito entre Nós, as Marias	35
<i>Fernando Ferreira</i>	
Não é agora que vai ser diferente	40
<i>Ingrid Marcela Souza Moura</i>	
Eclipse	43
<i>Israel de Lima Leite</i>	
O formigueiro	45
<i>Juliana Rozário do Nascimento</i>	
Proserpina	48
<i>Luiz Gustavo Cunha</i>	
Sangue de tinta.....	51
<i>Maíra da Silva Botelho</i>	
A Infeliz Etelvina	54
<i>Maria Alice Costa da Silva</i>	
Casado com o Diabo.....	63
<i>Miller Brito dos Santos</i>	
Psicopompo.....	68
<i>Susy Freitas</i>	
Zeíla e o rinoceronte.....	73
<i>Teresa Maciel Ferreira</i>	
Pedido, sal e Sodoma	75
<i>Veronica de Oliveira Sales</i>	
Provedor dos sonhos	78
<i>Wanessa Almeida Ramos</i>	
Sobre autoras e autores.....	81

Apresentação

Este livro é resultado de dois projetos coordenados pelo organizador do volume. O primeiro é um projeto de pesquisa e produtividade acadêmica intitulado *Depois da madrugada: panorama da literatura amazonense contemporânea II (1990-2020)*, no qual, além de investigar aspectos da produção literária contemporânea do Amazonas, intenciona-se colaborar com o enriquecimento do ambiente de criação e circulação literária local. O segundo é um projeto de extensão nomeado *A literatura na oficina: laboratório de criação literária*. Ambas as iniciativas estão vinculadas ao Programa de Pós-graduação e Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA-UEA), por meio do grupo de pesquisas Investigações sobre Memória Cultural em Artes e Literatura (MemoCult) e da Segunda Oficina Laboratório Editorial.

Em 2019 e 2021, respectivamente, dois grupos se constituíram na cidade de Manaus (no total, mais de 20 pessoas) e mantiveram encontros regulares nos quais, entre leituras de textos literários e exercícios de criação, desenvolveram textos de caráter narrativo de pequena extensão. Formadas por participantes da comunidade externa e interna da UEA, cada turma conviveu criativamente durante 4 meses em laboratório de criação literária. Com essa iniciativa, objetivamos estimular a criação, circulação e o surgimento de novos talentos literários na cidade de Manaus, além de congrega comunidades externa e interna da UEA nas oficinas, favorecendo as trocas de saberes entre ambas e, por fim, estabelecer um registro das produções, vinculando o trabalho do Laboratório Editorial do MemoCult às oficinas literárias.

Essas oficinas estão diretamente relacionadas à linha de pesquisa 3 do PPGLA-UEA: *Teoria e Crítica dos Processos de Criação*. Nessa linha, além do interesse diretamente pela análise crítico-teórica dos processos de criação em arte e literatura, valoriza-se o trabalho de criação propriamente dito. Serviram-nos de inspiração experiências já consolidadas em outras partes do Brasil e no exterior, como as oficinas de Luiz Antonio de Assis Brasil, João Silvério Trevisan e Marcelino Freire, entre outras. Nelas, os participantes são desafiados a criar textos de diver-

sas dimensões a partir de diretrizes baseadas em elementos típicos das estruturas literárias, tais como tempo narrativo, construção de personagens, espaço, bases da diegese, conflitos etc., no plano da narrativa, e constituição de imagens, ritmo, verso, conceitos verbais etc., no plano da lírica.

Onde essas oficinas se desenvolvem há alguns anos, vários escritores e escritoras têm surgido, o que pode ajudar, localmente, no aparecimento de novos talentos. Incluiu-se ainda um módulo dedicado às práticas editoriais e meios de publicação, buscando-se que este projeto também contribua para o surgimento de novas iniciativas editoriais em Manaus.

Ao fim dos dois ciclos de oficinas, as pessoas participantes foram instadas a escolher, entre suas produções do período, uma para compor a coletânea presente. Quase a totalidade dos que ingressaram nas oficinas tem aqui uma amostra de seu trabalho. Mais do que contos reunidos, temos em mãos um resultado da convivência, do diálogo, da troca de ideias e do estímulo que a vivência em uma comunidade criadora pode trazer para cada um e uma de nós.

Antes de concluir esta nota introdutória, é necessário destacar a importância do financiamento à pesquisa e à divulgação científica. Neste sentido, assinalamos que esta publicação (trabalhos de revisão e editoração) decorre do suporte dado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam) por meio do Programa Institucional de Apoio à Pós-graduação Stricto Sensu (Posgrad-Fapeam/2021), Resolução n. 008/2021, auxílio diretamente repassado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da UEA. Também se contou com financiamento da CAPES, por meio do AUXPE- PROAP-2021.

Por fim, devemos registrar (e nunca esquecer) que, apesar de termos cumprido, ao final de dois anos, o que havia sido planejado, entre o fim da primeira turma (em dezembro de 2019) e o início da segunda (que seria em abril de 2020, mas que só se concretizou a partir de setembro de 2021), a humanidade atravessou um de seus períodos mais tenebrosos, a pandemia de Covid-19. Especialmente a cidade de Manaus viveu seus piores dias, sobretudo com a crise da falta de oxigênio em janeiro de 2021 e o enorme descaso com a vida que essa passagem triste da nossa história revelou haver em certa parcela da sociedade, desde os governantes do momento até parte da população. Diante do cenário de pandemia, a segunda turma aguardou até que pudéssemos nos encontrar, com segurança, presencialmente. Entretanto, das quinze pessoas inicialmente inscritas para aquela turma, apenas sete se sentiam aptas a retornar. As demais ou se declararam ainda sem condições psicofísicas, ou silenciaram, talvez momentaneamente, talvez para sempre. Por isso, o organizador deste volume gostaria que a ausência de quem esteve inscrito ou inscrita, mas não prosseguiu a partir da pandemia, fosse reverenciada nesta publicação, como uma outra forma de presença, ou uma presença sem forma. Que seus

silenciamentos – não importa de que natureza – reverberem nestas páginas como um tipo de memória.

Allison Leão
Manaus, novembro de 2022.

Duas vidas

Adoneles Júnior

Senti saudade de minha primeira mulher, de meus antigos filhos e dos amigos que tive que abandonar, só eu sei o quanto sofri a cada instante que passou e me afogou o tormento de ter que amar, e de fato amar, minha nova mulher e meu filho do presente. Minha casa nesta outra vida era um tanto simples, porém mais aconchegante que a da primeira vida, sentia-me mais em casa, porém vez ou outra as lembranças do antigo lar vinham me visitar neste novo endereço, recordava-me do carpete bege da sala que Margarete, a minha primeira esposa, ganhou de presente em um natal festivo, ali onde Joaquim deu os primeiros passos, contei histórias para a pequena Bárbara e tantas vezes amei com os dedos e a boca o corpo daquela minha esposa que jamais verei novamente, se é que ela existiu.

Não sei se o que mais me doía era lembrar ou tentar esquecer daquela primeira vida, numa noite quando transei com minha esposa, a segunda, Alice, vi o rosto de Margarete, era tenebroso, um dia sussurrei “quanta saudade senti, minha Margarete” enquanto mordida seu pescoço, ficamos dias sem nos falar e eu a compreendia, afinal sentia saudade de outra mulher que não era a minha, digo, que era minha na outra vida. E amei, amei de verdade esta minha segunda mulher, seu cabelos enrolados nos quais meus dedos engatavam quando estávamos em nossa cama, seus olhos castanhos e a boca macia, também aquele meu outro e único filho que não pude viver um dia sequer sem abraçar, sem apreciar seu corpinho magricela e sorriso enxerido que alegravam meu dia quando passava ligeiro fazendo barulhos de tiro, soltando gritinhos como se fossem de seu boneco de madeira, quase me fazendo jogar as bandejas com o almoço de algum cliente, meu filho era minha vida, a última.

Era atormentador, em sonhos, em lembranças estavam aqueles outros seres, aqueles da outra vida, dividia-me para tentar amar todos o mesmo tanto, para que nenhum se sentisse desprezado ou menos amado. Deixei de dar presentes à minha

esposa Alice, só porque não dera à outra um parecido naquela primeira vida, por vezes não me contive e chorei por incompreensão, via, juro que via o olhar enciumado de meus primeiros filhos e isso me matava.

Durante muito tempo a noite fora a única que me acalantou, ouviu meus pesadelos e guardou meus segredos, sempre gostei de ficar na varanda, dali podia ver o rio passar lento, ouvir os barcos subindo e descendo a correnteza. Desejei tantas vezes ser como o rio, ser só um, ter somente uma vida e seguir um rumo só, um pensamento errôneo esse meu, pois no fim do curso ele evapora, vira nuvem, chuva, é enterrado debaixo de vários palmos até que enfim brota como novo rio, não sei se como eu lembrava de sua primeira vida, não sei se dividíamos esta desgraça, eu o compreendia, já ele não sei.

Foram anos sem entender, noites e noites tendo o mesmo sonho com as mesmas pessoas me chamando de pai, amor, e até um cachorro me lambendo quando eu chegava do trabalho, um ofício totalmente diferente do que tive na segunda vida, andava engravatado, carregando uma pasta e estava sempre rodeado de pessoas, dessa parte eu não senti falta. A última vida foi diferente da primeira, éramos eu, Alice e João sozinhos no mundo, isso me bastava, os clientes que habitavam a minha casa, que também era lugar de trabalho, eu conhecia todos e sabia de suas histórias, mas nenhum deles sabia daquela vida que eu levava, tampouco da primeira, não tinha amigos, somente minha mulher e meu filho. Isso seria o suficiente para viver em paz, mas aqueles fantasmas de outra vida me atormentavam incansavelmente.

Cada dia era um sonho diferente, nunca em ordem, o passado e o presente daquele primeiro homem que fui se misturavam, tive que montar o quebra-cabeça que me corroía a alma. Na noite em que vi pela primeira vez minha primeira mãe acordei chorando, ela era tão radiante, eu estava em seu colo, sentia seus dedos finos acariciarem meus cabelos molhados, ela me olhava com ternura, com o mesmo olhar de quando perdi a mãe da segunda vida, senti quase o mesmo frio no estômago, eram duas saudades iguais. Essa foi também a única vez que tive lembranças da infância da outra vida, talvez a lembrança que mais mexeu comigo, dividindo somente o posto com a da minha primeira morte. Quando lembrei dela fiquei três dias sem dormir, parecia que de fato eu tinha morrido, e pensei várias vezes na hipótese de já estar de fato morto, e viver uma segunda vida lembrando da antiga seria o meu inferno, penitência por meus pecados, mas acho que estava errado.

Morri pela primeira vez em frente ao relógio da matriz às doze e meia de uma segunda-feira movimentada, havia saído do trabalho há pouco tempo e senti que estava preocupado com alguma coisa, suave bastante, não que normalmente não se suasse caminhando pelo centro de Manaus, ainda por cima de paletó. Causei grande tumulto e um círculo de curiosos, no momento não entendi o motivo do

acontecimento, mas alguns sonhos depois descobri que foi vingança, eu fui ganancioso e trapaceiro na primeira vida, e apesar de viver rodeado de pessoas não era amado, morri por dinheiro com uma faca cravada em meu peito pelas mãos de alguém que habitava minha casa, quem eu abracei tantas vezes, talvez eu merecesse, aquele eu merecia, talvez, mas quem sou eu para me julgar? doeu, a dor ultrapassou a barreira do sonho e me fez acordar berrando com as mãos no peito, me joguei da cama e retorci o corpo durante alguns minutos, doía demais.

No dia seguinte deixei o restaurante sob o comando de Alice e fui ao relógio no mesmo horário em que morri, fiquei ali uns instantes tentando encontrar respostas, li a frase escrita no monumento, a qual nunca havia percebido nessa segunda vida, *“vulnerant omnes, ultima necat”* estava escrito, todas ferem, a última mata é o que significa, mas o que de fato queria me dizer? Não soube na hora.

Havia ali também um homem observando o letreiro há poucos metros de mim, ele vestia uma roupa antiga não só estilisticamente, mas temporalmente, parecia surrada pelo tempo e pelas traças, me aproximei e pude sentir um cheiro familiar misturado ao da fumaça que saía de seu cigarro, um perfume arquivado na minha memória olfativa em algum momento da vida, arrisquei chamá-lo pelo meu antigo nome, “Edgar!?” disse em tom baixo, o homem correu para trás do relógio numa pressa absurda, desapareceu antes que eu o alcançasse, mas era eu, tenho certeza que era o meu fantasma, queria me dizer alguma coisa, mas não teve coragem.



Retornei para casa sem respostas e com novas interrogações, atormentado pelo turbilhão de pensamentos desci a escada que leva à praia, caminhei pela areia húmida como meus olhos e me pus a ouvir o murmúrio do rio que se misturava ao zumbido da cidade naquele mundo quente, mais uma noite em que não dormi.

Lembrava da primeira casa, dos móveis, do quintal, mas não da rua, nunca sonhei com o bairro, nunca pensei em procurar, evitei, isso me dava certa certeza de que é impossível viver duas vezes, que eram somente pensamentos loucos, era a minha segurança, preferia ser um louco do que prova da reencarnação. Nesses

dias eu estive fora de mim, tanto que cometi o maior erro da minha segunda vida, o mais doloroso: enquanto Alice fora fazer as compras do restaurante adormeci no assoalho, simplesmente apaguei, talvez por conta das noites insones e o esforço no trabalho. Nesse pequeno espaço de tempo João e seu boneco de madeira escapuliram pelo portão, lembro de ter ouvido o ranger da ferrugem, mas estava inerte naquele momento, inútil. Quando Alice retornou, encontrou-me jogado no chão, pálido, havia urinado nas calças e vomitado no avental, foi vergonhoso, ela me pôs em uma cadeira, lembro de vê-la desesperada gritando algumas coisas, a vista estava embaçada mas dava pra ver lágrimas e cuspe saltando de seu corpo, descabelava-se e eu não entendia por qual motivo, até que pude ler em seus lábios a palavra J-O-Ã-O, e subitamente acordei do transe.

Sáimos à procura de nosso filho, esse pequeno momento acho que foi um dos únicos em que esqueci da outra vida e só pensei no presente, nada mais no mundo importava senão encontrar meu filho bem. Alice gritava à porta dos vizinhos e implorava por ajuda divina eu, por outro lado, observava cada detalhe na rua, cada anormalidade, conhecia os rastros do meu João e iria encontrá-lo, sentia isso, ansiava isso. Andamos por toda a redondeza e não o encontramos, o desespero escorria dos olhos de minha Alice, dos meus a culpa.

A imagem de uma rua insistia em surgir em minha mente, uma rua larga e bonita beiradeada de mangueiras altas que findava no rio, essa imagem aparecia e sumia, eu me transportava para lá e voltava ao choro de minha mulher, precisava encontrar essa rua. Alguma coisa queria me guiar, uma energia que não compreendia, simplesmente olhava para uma esquina e seguia em frente, assim fui, distanciei-me de minha esposa sem saber se encontraria mesmo a rua projetada em minha mente ou se só me perderia.



Depois de quase uma hora entrando em becos e vielas pude reconhecer as mangueiras, os prédios e as casas, era a rua, ao final dela havia um homem brincando com uma criança à beira d'água, um barquinho miúdo cortava o rio negro sublime como aquele instante ecoando longe. Aquele homem aparentava ser mais velho que eu alguns anos, ele observava um menino, era o meu João, meu pequeno

estava sentado no raso da praia, mergulhava seu boneco de madeira fazendo aqueles barulhinhos, o homem dava segurança ao meu filho, falava-lhe alguma coisa, imagino que perguntava sobre seus pais ou o que fazia ali, não sei bem, o que me assustou foi senti que conhecia aquela pessoa, fui me aproximando aos poucos como que não querendo atrapalhar o momento dos dois, João me viu e correu até mim gritando roucamente “papai!”, seu corpinho molhado enfriou meu peito quando o segurei em meu colo, mas aqueceu meu coração, ele não imaginava o desespero sentido por seu sumiço. Nos abraçamos tão forte que eu achei que fosse quebrar seus ossinhos, beijei sua testa, seus braços e suas mãozinhas, ele não compreendia o quão feliz e aliviado eu estava, apenas encostou seu rostinho em meu ombro “estou com frio, papai”.

O homem que cuidara de meu filho caminhou até mim a passos lentos e com um olhar manso, senti algo em meu peito que algum dia havia sentido, mas que estava esquecido, e aquele sinal, aquele sinal em seu rosto me era familiar, seu andar, os ombros curvados, “Joaquim?” perguntei, o homem arregalou os olhos e murmurou “me conheces?”, “não sei” respondi, e ainda me atrevi a interrogar onde estava a pequena Bárbara, o que o emudeceu profundamente. “Quem é o senhor?”, irrompeu o silêncio, mas dessa vez quem silenciou fui eu. Em agradecimento aos cuidados com João dei-lhe um forte abraço e subi a rua seguindo meu caminho de volta para casa, enquanto ia pude vê-lo entrando em uma casa bastante bonita, essa casa, essa bonita casa em uma outra vida fora minha, quem abriu a porta foi uma senhora, não pude vê-la direito, mas senti que era ela, sim, era ela.

Quando retornei, minha esposa estava debruçada na varanda olhando para o rio, era de tardinha e, como o sol, suas esperanças de encontrar nosso filho também se iam, João, com o enxerimento que só ele tinha, seguiu na frente e abraçou sua mãe pelas costas, como chorou minha Alice, nesse dia pude ver o amor de uma forma diferente. Eu estava cansado, deitei na rede do quarto, pois meu filho ganhara meu lugar na cama àquela noite, e adormeci, sonhei com o homem que vira mais cedo, ele estava de pé em frente à asa onde o vi entrar, abria a porta para mim, mas quando eu entrava a escuridão não me permitia ver, mas eu permanecia ali naquela penumbra até despertar. Pela primeira vez em anos acordei depois do sol, minha testa e axila aguavam, Alice trabalhava na cozinha e João corria pela casa com seu boneco, naturalmente. Levantei da rede atordoado, mas estava em mim, descansado e pronto pra encontrar respostas às minhas indagações, tomei um banho e fui até àquela rua, sentei debaixo de uma das mangueiras e esperei até surgir movimento na minha outra casa, senti uma saudade, confusão, medo, era por isso que nunca quis procurar aquele lugar, saber se era real, porque sabia que me prenderia àquilo, que voltaria lá, que insistiria até acontecer algo maravilhoso ou terrível, e eu tinha razão.

Às onze e meia Joaquim apareceu, levantei da raiz em que sentava há horas e sorri vergonhosamente, como que se me pegassem cometendo algo errado, mas não tão grave, meu coração palpitava freneticamente, ele foi até mim “o senhor é o pai daquele menino de ontem, não é?”, aquela voz, agora bem mais grave e envelhecida, a mansidão no olhar, era o meu Joaquim, o meu filho, não respondi à pergunta, abracei-o bem forte e agradei, me faltou coragem para dizer o que fora ali para dizer, que ele era meu filho, que sentia saudades, queria contar quem havia tirado minha vida, saber de como estavam todos da família, mas não, não consegui, talvez isso impedisse minha entrada na casa, eu não queria isso. Fui convidado a entrar, um arrepio me subiu dos pés até o pescoço conforme cada palavra fora proclamada e enquanto me aproximava da entrada, o percurso que fiz tantas vezes noutra vida, lembrança e realidade entrelaçavam, entrei, os móveis, o tapete bege, as cortinas, tudo ainda estava lá, um tanto envelhecidos, claro, e numa poltrona bordando uma toalha habitava a senhora que vi no dia anterior, seus cabelos lisos e agora um tanto alvos não diminuíram sua beleza, igualmente suas mãos envelhecidas, Margarete, a minha Margaret, não me contive, ajoelhei-me diante daquele corpo enquanto todos me olhavam atônitos, “quanta saudade eu senti de ti, minha Margaretinha”. Por um instante aquela mulher paralisou e vi seus olhinhos negros encharcaram, seu olhar mergulhou no fundo do meu e de sua boca saltaram palavras trêmulas “esses olhos são os teus olhos, Edgar”, quis beijá-la, mas fui expulso antes disso pelo homem que me trouxera ali, o meu filho, estranhamente mais velho que eu.

Atordoado, estava em completa confusão, tão abalado que até esquecera como respirar, me faltou ar, então corri trôpego por aquela rua o mais rápido que pude, como que se fugisse de alguém ou como se perseguisse alguém, no fundo as duas coisas, eu fugia de mim ao mesmo tempo em que me caçava. Parei em frente ao relógio da matriz às doze e trinta, coincidência ou não, era o meu fim, eu morria novamente, meu peio doía tanto quanto na primeira vez, o coração parecia que saltaria da caixa do peito, a dor insuportável e a falta do ar em meus pulmões atormentava quase tanto quanto ter carregado duas vidas nas costas todo aquele tempo. Talvez isso tudo tenha sido pra ensinar alguma coisa, entretanto não sei se aprendi, não sei se fui um completo louco ou se só reencarnei e mantive as lembranças da outra vida, o que considero o mesmo que loucura, também isso não importa agora, pois estou morto, e mais doloroso que vivos sentirem saudade dos mortos é mortos saberem que não estão vivos.

Às três da tarde

Ataíde Junio Fonseca Martins

Seria infortúnio ou obra do acaso terem os homens o dom do esquecimento de si e dos outros?

Assim como todos os outros dias, como todas as manhãs no Vilarejo, a vida se reerguia no cheiro da terra e dos frutos. Como se não houvesse tempo, bastava o passar das horas. Vida mansa na mansidão das terras de subida do rio, de missas dominicais e novenas lotadas. O licor quente e negro, às águas de banho raríssimas por ali. Prevalencia, porém, a vida coadjuvante daqueles habitantes que em meio ao tudo, pouco viam; apenas seguiam a vida como as correntezas do rio. Num lugar além, complicado era dar conta de uma mesa matinal farta de mimos citadinos. Disso não se comia muito, só em épocas festivas como em toda e boa vila. A vida se fiava em desjejuns demorados, em que se degustavam a acidez das frutas tropicais, a sova das farinhas em bolos e pães forjados em madeira queimada; queimava do mesmo modo o falar cotidiano: uma palavra, um gole, uma beliscada. As bocas ora mastigavam alimento ora mastigavam palavras, o tradicional papo de comadre, de famílias formadas, de vizinhança forçada ou de amizade suportada. Os costumes se ecoavam no desenrolar dos dias, modificados apenas a uma chuva pesada que alongava as conversas e engrossava as esperas. O vento que de longe vinha, amenizava o calor dessas terras, esfriava os assados e apagava o fogo para o almoço. Além de ganhar ares mais quentes ao fim do devaneio, esquentava o que esfriado estava por debaixo das vestes, o vento propiciava o vir dos novos habitantes. O vento, a novidade mais breve dentro do vilarejo e a visita mais constante que por lá surgia. Havia vezes que nem se sabia ao certo se era dia da novena ou o das missas dominicais. Não era descaso, ou sequer desleixo, as vidas eram de fato, mastigadas pela existência do lugar. Ali se estava, ali se era, ali somente. Isso, pois, por diurnamente ferver-lhes as cabeças e noturnamente lhes esfriar a alma. Neste Vilar, o dia se fazia mesmo antítese da noite nos costumes, nas pessoas, na

aparência... o fato era que o que de dia era de um jeito, à noite era-se de outro: a vista do rio, o cheiro do ar, a mansidão do silêncio, o labor, o odor dos chás e das massas que assavam, o chão de barro batido e o que recebera as pedras. O bom era que bastava o anoitecer, tinha-se um novo ar, talvez uma nova vila num mesmo vilarejo. Embevecia-se toda a noite, já no sono daqueles, depois do negror noturno de candeeiros apagados, com o dourado diurno a se surgir. E assim os desencontráveis se alternavam, na vida e na mente do Vilarejo. O trabalho dos carregadores bastava-se ao nome, pois só havia o que se carregar quando barcos lá chegavam, o que raro era de ser. Nos estaleiros próximos sim, suava-se o existir, pois lá se concebia toda a frota de rasgadores de águas deste lado do rio. A terra-barro sumia no lugar; ao chão, serragem. Tudo ao bel-prazer do sol, que ardia no ritmado repique do bater de ferramentas, no lixar e pregar de mãos habilidosas esculpidoras da madeira. As embarcações eram filhas de todos, cada uma levava de um a dois anos para ser feita, do corte da madeira à pintura derradeira, todos ali um pouco de si deixavam; não havia pressa. Observavam tudo: a floresta, as galinhas, os porcos e alguns desertores do pasto; talvez sem entender, mas observavam a madeira enviescer os barcos, os homens sentirem orgulho e os calos brotarem nas mãos, feito flores aos raios de luz. Os que observavam já entendendo tudo, do primeiro ao último ato daquela cena já tantas vezes vivida, assim o eram os proeiros anciões de cujo olhar brotava nostalgia, nostalgia só deles, de homens velhos que falavam em silêncio e gargalhavam do nada, como se tivessem esquecido do que rir.

No vilarejo, os fogões, neste ínterim, também transformavam a madeira, mas agora em cinzas e num farto almoço das Três da tarde. Lá também, mãos habilidosas transformavam a vida, embaladas numa prosa ininterrupta costurada por umas cantigas trocadilhadas de mulheres também fazedouras dos barcos, que herdaram – sem vontade – as panelas de barro em comum fogão que em contraste com as porcelanas vindas de longe (tanto trabalho deram para aqui chegar), mas não compunham cenários, de fato eram usadas; muitas de herança familiar: os bens de continuação. Entre o labor do estaleiro e o do Vilar, tinha-se o transitar da praça central com seus miúdos botecos de pinga e licor baratos, ora substituído pelo vinho tosco de um navegante que por lá passara. Eis aqui as ruas de pedra, as da praça, as da Praça da Igreja, da praça dos arraiais, da praça do silêncio noturno, da praça dos encontros.

Ruas de pedras que pouco sol recebiam devido a altitude régia da Igreja, párea com a das árvores mais velhas, poupadas pelos habitantes. Era o lugar de intenso comércio, não só de bebidas, mas também do que vinha de novo para o Vilarejo; uma única loja de tecidos, assim também era a de grãos e óleos que quase espremia a um canto a de essências e papeis, esta a mais excêntrica do lugar. Dentre esses o lugar mais familiar; diz-se familiar por não servir apenas bebida, servia-se, pois, a melhor comida: o almoço com gosto de fins de semana. Isso quando se comemora-

va algo em fim de semana, já que dele poucos se lembravam. À noite, o movimento na Praça também era intenso. A venda de perfumes, papeis e tecidos cedia terreno às vendas noturnas de corpos de homens e mulheres, às escondidas de todos, agora com bebidas importadas trazidas sabe-se lá como e quando, mas serviam para esquentar o que o vento – agora solífugo – não conseguia apaziguar. À noite, meias visões se bastam, taças se quebram, muitos corpos se entornam até que o silêncio das ações os faz lembrar o dia que se aproxima, os regressos costumeiros, os andares agatinhados em cumplicidade de adultérios, a vida matinal que os aguarda como figura materna em porta de casa. Mas o diferente se fazia em dias de festejo.

Nem se precisa dizer o quanto este lugar se enfeitava em tempos de festas. Era o instante de existência em que mais se queria existir – em tempos de festas, quem tinha por hábito recolher-se a particularidade dos seus quartos estava autorizado a transpassar a noite, explodir em folguedos e beber deliberadamente – estava tudo por conta da festa. O que de pacato tinha o vilarejo transfigurava-se em uma enorme e contagiante animação. As vestes longas mostravam-se mais justas. As roupas de missa, usadas em profana ocasião. As árvores da praça embriagavam-se a cada urina depositada em suas raízes e os animais ganhavam banquete público de restos de alimentos bingados envaidecidamente.

Outros de outros lugares para cá vêm e fazem deste Vilar o seu. O verde do lugar cede espaço ao colorido das luzes e o silêncio mofo dá espaço às cantorias do povo, de vozes altas e compridamente ritmadas. O rio ganha luzes que não são suas, mas chegam a ser tão próximas que nestes momentos, à noite, rio e céu digladiam em beleza – afinal, quem tem luzes e quem tem estrelas? Insípidas ficam as demais noites no cochilo da noite de uma madrugada fria de pós-arraial. E tudo isso, porém, não dura mais que uma noite, ao menos uma por mês, porque ninguém santo é.

No iniciar de um de tantos dias, não me vem à memória a precisão numérica do fato que de tão grave que foi, preferiram-me esquecer os moradores. Foi como um evento desses que por esporádico se o deslembra. Fato: era à tarde, das horas lembro, Três exatamente; que neste tempo quase ninguém pelas ruas se via.

Era, pois, a hora do almoço, do encontro dos lavores, dos de cá e dos de lá. Mas naquele dia por algum motivo no meio da praça se viam Todos os habitantes do vilarejo. E não é um modo se de falar quando digo “todos”, porque verdadeiramente todos lá estavam a se deslocar de um canto a outro – vagavam de extremo a extremo, a se olharem. Das meninas de mocidade já quase feitas, aos donos de comércio, as alcoviteiras, os meninos da bola e do pião, os carregadores saídos do ócio, os poucos mandriões que lá se tinham, as belas mulheres e seus perfumes inconfundíveis, às jovens senhoras em suas ancas gastadas, os veteranos de fuxico, os jovens tímidos em sua quase masculinidade, os belos homens que vestiam suas melhores roupas sem motivo aparente, os barganheiros de vida e de praça, os

guardas da noite, os reviradores de lata e até mesmo a Igreja, digo-vos, o padre. Lá estavam mães e filhos, os pais, amigos, inimigos, Todos eles estavam ali, mas pareciam não estar também. O vento, costumeiro visitante, arrastava o silêncio por entre eles. Até mesmo ele, sábio dos sábios, estranhou-se e emudeceu. Não havia conversas, não havia cantarolar, nem animação. Havia os habitantes a andar de um canto a outro. Saudações gesticuladas, mas sem palavras. Olhares envergonhados. Quem em companhia se via não se estava realmente, apesar das mãos dadas. Nem uma falácia. NADA, só a frieza vinda do rio. Aquela hora se derramou, espalhou-se a todos e mesmo eu vi-me confuso ao momento notável. Longa que foi tal hora, percebi o mesmo desconfiar em todos os rostos: olhares distantes, envergonhadamente hesitantes. Nem mesmo a fome os despertará. Nem mesmo o cansaço do trabalho os fizera sair do torpor. O instante talvez explique a atual ausência de ânimos às três da tarde pelo chão do Vilarejo; chão que ninguém costuma pisar a este horário.

Aquela tarde não estava mais quente, calor que sempre abrasava o discernimento. Ali, às três da tarde, todos andavam de canto a canto a se olharem envergonhadamente como se estivessem a esconder um desatino comum. Há quem ache perturbador. Outros, inexplicável. Há até os que o conjuraram como possessão. Boa parte preferiu não querer entender e simplesmente se preocupou em esquecer aquele dia. Tratou-se, pois, de um fato: naquele dia, às Três da tarde, Todos haviam esquecido o caminho de regresso às suas residências, aos seus lares, ao seus lugares de compromisso. Exatamente assim, esqueceram. Esqueceu-se, naquele dia, de como voltar para casa. Nem tentei imaginar o que nas cabeças se passava, pois as faces atemorizadas de olhares longínquos, presos em si mesmos, na agonia dos seus sigilos que até ao vento assustaram. Desvario meticulosamente singular. Daí o silêncio compartilhado, os olhares de dúvida emudecida e de vergonha mascarada.

Num único dia, num lugar desses do mundo, Todos se esqueceram de como voltar para o lar, como regressar a casa. No de repente da hora: às Três da tarde.

Aquela varanda

Bianca Souza de Araújo Pinheiro

O convidativo é uma luz na maré noturna, o paraíso dos afogados em perdição. Para aqueles que no escuro se alimentaram, qualquer brilho é salvação divina.

Aquela galeria era um universo paralelo. Passado, presente e futuro. Onde pessoas são viajantes, do tempo e de suas próprias mentes. E naquele banco, onde o silêncio persevera e a espera é uma dádiva, uma garota que viveu só por um dia estava prestes a nascer, no corpo daquela com olhos completamente negros. E ela esperava, esperava porque era a única coisa que fazia sentido.

Então foi convidada pela escadaria a provar um pouco daquilo que eles chamavam autoconhecimento. Ela subiu. Levada a um novo mundo, onde os desenhos eram como pessoas, e fofocavam entre si sobre quem os apreciava. Mas não era isso que a chamava atenção, era aquela porta, pequena porta branca, que escondia uma ideia pela qual estava obcecada.

Era uma porta que levava para fora, um fora que é dentro. Queria entender, precisava entender. Porém não a tocou, não podia abri-la, tinha medo do desconhecido que a aguardava, da magia que ali se continha. Se ali dentro era como era, o que a esperava lá fora?

A varanda. Flores na sacada. Manchas no piso de um passado que não pertencia mais a ninguém. A paisagem do fora que não podia alcançar. Janelas, janelas com vidraças que não levavam a lugar a algum. *Apenas uma varanda.*

Ela ali no meio, onde a lâmpada do teto não acendia. Em transe. Consumida em dúvidas que nem sabia. E aquela voz melodiosa, que a tocava como água em seus ouvidos curiosos.

Molhou-se, das lágrimas e da água no piso.

Por instantes temeu a morte. Olhando para aquele fora que brilhava. E a água subia. Aquela água salgada que purifica. Guiada para a escuridão de si mesma, enquanto a voz lhe falava. Numa mente em branco.

Afogou-se, no mar de uma varanda, que não é nem dentro e nem fora...

Olhos abertos. Escorreu água e o escuro dos olhos. De frente para as vidraças, enxergou a outra, naquela face manchada. A dor de corações gêmeos. O reflexo vivo a tocou em dedos distantes e para sempre desapareceu.

É hora de ir, a voz lhe falou. Olhos fechados. O tempo cessava. Transportada para a porta da galeria. Agora pensava, perdida no que foi e no que será. Quando abrir aquela outra porta, aquela que vai para fora.

A vida acaba quando o tempo para

Suplicam por mais tempo enquanto fogem de seus pecados. Em desespero, contentam-se na, talvez, única dádiva do futuro: o esquecimento.

A garota de olhos completamente negros mais uma vez acorda. Deixando para trás a porta do curto passado que a acompanhara. Sabia que algo já não era como antes, não podia ser como antes, logo agora que seu corpo ansiava por sentimentos que matara depois de fechar aquela porta. Restava o peso nos ombros.

O tempo presente era aquela floresta. Onde as gigantescas árvores eram como seus medos, apontado seus galhos para a fonte de seus pecados, a mente. E temia - mas quando não havia temido? – cercada por todos os lados, onde todos a liam e a conheciam mais que a si mesma.

Então caminhou, porque era de sua natureza fugir. Novamente recorreu a própria sombra, pois o escuro não enxergava suas inseguranças. Era o que achava. Seguiu por entre caminhos estreitos do silêncio, enquanto a floresta a observava calmamente. Seduziu-se pela ignorância, pois não poderia julgá-la, e negou a essência que a consumia.

Cansada da teimosia e do medo, a floresta clamou o seu nome e contou-lhe as verdades que já conhecia. Então gritou, os sentimentos se tornaram eco, badalando nos ouvidos da pequena tola. Seu corpo gritava pela liberdade, as mãos balançavam, as pernas tremiam, os olhos choravam e os lábios estavam prontos para ceder. *Não*.

Correu, puxada pelas sombras. Não queria ser controlada, mas ali estava de mãos dadas com o convidativo. E não pararia, era tarde demais. Em ofegos profundos, extasiou-se no conforto da ignorância, ansiando pelo esquecimento. Mas o tempo perdeu sua misericórdia. Se ela não cederia, o corpo o faria.

A floresta bradou, em fúria, penetrando sua a mente com seus galhos pontiagudos. Foi quando o passado tocou seus ombros, quando os olhos não eram negros. As memórias beijaram-lhe os ouvidos. As palavras não ditas penetraram

sua boca. E a faísca de luz contida em seu ventre rugiu. Pensou que a verdade não poderia mais ser velada. Assim como matara o passado, parecia ser a sua vez de partir.

No reflexo de uma poça de água, percebeu que seu corpo rachava. Pedacos de si mesma iam sendo espalhados pela floresta. Mas a sombra continuava a puxá-la, pois parte dela ainda lutava pela sobrevivência. Mais um passo. E caiu.

O peito acalmou, a respiração se tornou mais leve. Agora estava nos braços de sua própria sombra. Esta que se revelou o seu futuro, a morte. Com um sorriso cansado, se deixou ser consumida pelo frio daquelas mãos cadavéricas. A morte acariciou seu rosto e perguntou se estava pronta. Abatida, a menina perguntou-lhe o sentido de sua existência. E o ser a compreendeu, deixando que o silêncio a fizesse encontrar a resposta. Ela então derrubou sua última lágrima, no momento em que suas cinzas terminaram de partir pelo vento.

A gota de vida, banhada na luz de seu estômago, purificada na morte, alimentou a floresta. E ali nasceu uma pequena flor.

Jonas, o conformado

Bruno Bonates

Jonas dizia que se sentia confortável dentro da baleia. Já tinha comprado cama mesa e banho e estava pronto para se mudar em definitivo. Era numa bela área, apesar de eventuais tempestades, das ondas gigantes ou bichos perigosos; mas como o abrigo era seguro, o temporal era gostoso. Nessa época Jonas trabalhava como funcionário público e passava o dia assinando papel, e no seu tempo vago gostava de assistir futebol ou lavar os dentes do grande peixe. Jonas se casaria com Janaína em menos de dois meses. Às vezes, ele se sentia sufocado, porque queria voltar para a terra firme e conviver com seus velhos amigos; sempre achou que ainda tinha muito o que fazer antes de se compromissar, mas Janaina era um porto seguro. Outras vezes, ele sentia que havia um oceano entre os dois, que se refletia na cama; apesar da proximidade dos travesseiros era difícil superar a distância da ausência de amor, mas Janaina era um porto seguro. Era a estabilidade que ambos queriam, porque o amor não é estável. O amor é, na verdade, uma harmonia feita de tensões. E dessa harmonia Jonas não queria; sendo assim, melhor mesmo é tocar desafinado e fora do ritmo. Mas o que era interessante em Jonas era que ele adorava sentir o linho dos seus ternos, adorava ainda mais suas gravatas. Às vezes ele se perdia ao se imaginar se enforcando nelas; prenderia uma das pontas da gravata na úvula da boleia e com a outra ponta faria a viagem. Todo mundo achava que Jonas era um santo, mas ele sabia que jamais iria ao céu.

A liberdade é um fardo

Caroline Salignac

Encontrou aquele texto antigo enquanto encaixotava as velharias da falecida sogra. Não deveria tê-lo lido, mas a tarde estava tão abafada que decidiu fazer uma pausa para beber um suco. Mas não levou algum aos lábios. Seus olhos passearam pelas frases, sentindo a mesma dorzinha chata de quando se furava com a agulha ao alinhar a bainha da calça do marido. Mas agora não tinha fissura nem sangue para sugar, a agulha ainda estava enfiada no dedo e, cada vez que lia, a cravava mais ainda na carne.

Rara é a mulher brasileira que não julgue ser a escravidão dourada a melhor felicidade deste mundo!

A felicidade para a mulher é ter filhos, foi o que ouviu de sua mãe quando concluiu o segundo grau. Queriam que se casasse, não que fosse para uma universidade. O lar é a segurança da mulher, diziam. Não quis um lar, mas mesmo assim não pôde escapar do mesmo destino de sua mãe, sua tia, sua avó. Ela esperta demais para o lar.

Retirou a aliança do dedo e viu a marca fina e branca na tez. Era uma simples joia. O que ela estava pensando? Ela era feliz, era a vida que Deus lhe deu. Era feliz.

Ser livre! Para quê?

Era feliz, oras. Esfregou os olhos, os meninos no quintal brincavam com carinhos de corda, um presente de natal. O maior já tinha quase dez anos, era quase um rapazinho, o pai até lhe arranjará um emprego na feira. Qual felicidade seria maior que ver os filhos crescerem? Havia suportado tudo por eles. Orgulhava-se disso. Só não sabia que seria tão difícil.

Quando começaram a namorar, ele lhe comprava sorvetes. Foi ele que a levou para assistir seu primeiro filme no cinema. Ele também a levou para os bailes do São Raimundo, dançou tantas músicas do Trio de Ouro, enquanto o ouvia dizer

que o som do seu riso era melhor do qualquer canção. Aquele texto não era para ela. Tinha certeza.

A liberdade é um fardo: é a obrigação e o trabalho; é a responsabilidade e a luta!

Ministrava aulas de matemática numa escolinha no Santo Antônio. Era tão boa com cálculos, seus alunos adoravam suas aulas. Mas ele disse que ela não precisava mais disso. Ele seria o provador da casa, enquanto ela a administraria. Trocou a matemática por uma linda casa no centro da cidade, com um portão de ferro e lindos ladrilhos no quintal.

Como se não fosse por isso mesmo que a liberdade se torna mais bela, mais sedutora e mais digna de espíritos fortes!

O soco lhe acertou o nariz, respigando sangue na parede e em algumas samambaias no quintal. Um vizinho viu, mas fingiu que não. As mãos trêmulas tentaram limpar o sangue que descia para os lábios com medo de que os meninos vissem. Seu cabelo foi puxado para trás com força, ele sussurrou algo em seu ouvido, antes de esfregar seu rosto nos lindos ladrilhos, sujos de lodo.

Triste estado a que voluntariamente nos resignamos!

A liberdade era um fardo que não estava disposta a aguentar. Pensou tantas vezes em partir. Uma vez até planejou sua fuga, esperaria o marido dormir para colocar os dois meninos no banco de trás do fusca, partiria sem nem ao menos olhar para trás. Mas eles eram tão pequenos, precisavam de tanta coisa, o mais novo não tinha mais de cinco anos. Eles precisavam do pai também. Precisavam do conforto da casa. Precisavam do dinheiro, e ela...

Ela era apenas uma mulher, oras!

Não tinha emprego, não tinha casa, nem a família lhe aceitaria. Não tinha para onde ir. O que faria com aquela liberdade? Desde criança foi ensinada a viver numa gaiola chamada de lar. Pássaros engaiolados costumam viver menos quando são soltos. Nem todos sabem viver com a liberdade, afinal.

Em parte, somos nós culpadas de sermos consideradas assim: seres inferiores, criaturas sem missão dirigente.

Amassou o artigo. Era muito velho, provavelmente uns cinquenta anos. As mulheres mudaram desde lá. Iria realmente se deixar levar por um pedaço de papel? A liberdade que precisava estava ali, no riso dos filhos.

Nota: Os trechos em itálicos fazem parte de um texto escrito por Josefina Álvares de Azevedo, publicado na revista *A família*, em 14 de agosto de 1890, no Rio de Janeiro.

A maçã

Cátia Siqueira Taboada

Um dia acordei com uma vontade, a vontade mais forte da minha vida, a vontade de comer uma maçã. Tão logo levantei da cama, fui à feira, querendo maçã, querendo maçã:

- Ô seu moço, tem maçã?
- Não, não senhora!
- Então diga seu moço onde tem?
- Não sei não minha senhora!

Desisti de perguntar, decidi procurar, e rodei toda aquela feira, até que alguém veio a mim:

- Senhora, quer maçã?
- Sim, sim, sim quero muito!
- Não existe não!
- Como não existe?
- Só existe o pecado.

O rinoceronte

Daniel Ascensão Amorim

Não consigo dormir, diz o contador ao atendente do serviço de prevenção ao suicídio, também conhecido como um quatro um. Faz uma semana que não consigo fechar o olho, acrescenta, e se põe a chorar convulsivamente. Do outro lado da linha, o atendente coloca o telefone entre o ouvido esquerdo e o ombro, estica as pernas. Observa as unhas pintadas de roxo. Suspira. Pensa na festa de hoje à noite, talvez o César apareça com alguma cartela importada de Amsterdã e as chances de rolar uma orgia são grandes. Abre a gaveta, alcança a lixa corroída pela metade. O contador solta um longo e sufocado gemido. A Sandra e meus três filhos, escondidos sabe-se lá onde, você tem noção do desespero? Visualiza seu rosto espremido entre as lágrimas, os dentes manchados de limo e nicotina mordendo o anelar. Na rua, o barulho do caminhão de lixo cumprindo a etapa final da turnê insalubre. O veículo se arrasta lento pela rua, despejando chorume pelo asfalto, arremetendo de vez em quando contra um obstáculo invisível, tal um rinoceronte perseguido por uma hiena. Você sabia que esses animais, ao se sentirem ameaçados, costumam pisar na merda para marcar seu território?, o atendente pensa em perguntar ao interlocutor desesperado, mas respira fundo e engole a ironia. Apenas uma maneira de suavizar a conversa com um pouco de conhecimento, enfim. Palavrões gritados, é hora de subir na caçamba e partir. No fundo da sala toca uma canção da Sade em volume baixo. A luz da lâmpada fluorescente pisca, sorrateira, acima da cabeça do atendente. É madrugada de sábado, 28 de setembro de dois mil e treze, e o despertador na mesa de cabeceira marca quatro e quinze da manhã.

A gradação de X e Y até Z

Douglas Laurindo

Está na hora, mas eu não queria – disse Y, com a voz dialética.

Então aqueles dois corpos se colaram e, se vistos por olhos compreensíveis, parecia que o rapaz-grilo, por sobre o peito firme e robusto do outro, explorava um sentimento avesso, quase alcançado e possível de sentar na ponta do nariz, digno da mais longa epopeia dramaticamente pintada ao som daquela lira de Orfeu, mas coube a Caetano. É verdade também que feito heroico algum os rodeava. Era mais a extensão mesma da cena que ameaçava desatar uma resistência conquistada, eram ovos quebrados e o pio ali: uma mão que percorria as formas do rosto, o farfalhar da barba métrica de encontro a testa, e não esquecer as ventanias de cada cessar de carinho. Minimamente, o afeto instalou-se como um pneumotórax. X foi impedido de respirar, porque aquela troca afetiva lançava-o na camada exterior à terra. Feridas se abrem depois de um beijo, aquelas que fazem o homem suspirar e projetar uma esperança. O ar das linhas até o coração foi impedido, de maneira que o órgão de tão quente implodiu dentro da pele. As células riram com tamanha cócega.

Se afastado um pouco mais daquele laço corporal, o quarto era território ocupado. Não existia apenas o pulsar do coração como cenário para os dois. A escrivaninha, à direita da cama, comportava uns livros, um retrato de uma criança sorrindo e o relógio que os engolia a cada instante. Escondendo algumas lamúrias, o caderninho de poesia revelava a sua cor rubra em decorrência de uma fresta na janela. Y quis mostrá-lo e X jamais relutaria diante de tamanho ato. Enquanto este alongou as pernas em formato de l, duas varetas com pelos, agora com o tesouro nas mãos, sobre a cama, aquele recostou a cabeça em uma das pernas. Desfizeram-se daquele enlace que os incorporava. De um agora dois corpos ganharam forma. Ao folheá-lo, pequenos sonetos e poemetos com versos livres refletiam a dor de um término, o desconforto de um amor furado e, principalmente, o mistério. Houve

um grande esforço para entender a beleza vestida naquela ortografia. Manhoso, o poeta penetrou os olhos daquele encosto assim que seu rosto pousou na coxa. X só pôde explorar aqueles cachos à medida que lia atentamente cada estrofe. *Não desnudarei o poeta em voz altissonante*, disse. E não o fez.

Defini-los careceria de lupa, aliás. Ali, ainda tecidos em si, ecoavam ânsia. Um despejava a sua personalidade sem hesitação, isto é, expunha no sarau do encontro a escultura idealista, individualista e intimista, como também narrava as andanças na fazenda do pai, o porquê de as cicatrizes na perna serem excessivas e aquele ar de quem pouco demonstra. Foram uns dez minutos para a prosa ser finalizada. Um grosso cortês, o outro pensava. Curiosamente, os adjetivos em i representavam de fato a curta e fina linha de sua construção. No entanto, quando avançava pelo corpo do rapaz, não queria que a transcendência fosse somente sua, porque as duas peles eram combustível para a faísca do beijo; cada unha marcando as costas simbolizava a exteriorização da lascívia; o prazer era servido à mesa e não só isso era alimento. Bobo, o outro entendia aquelas narrativas de modo não soberbo: sinceridade as compunha em grande satisfação. Mas é preciso que se diga: nós coadunamos as falácias e as nocividades à pureza dos sentimentos em virtude de um desejo. Ele contamina os olhos, às vezes rouba a visão de uma realidade e condição. Uma vez perdida, a ratazana roendo o cérebro não dói. O outro mostrava-se mais passível à possibilidade de sentimento. Era um rosto também com cicatrizes e aberturas na alma, mas com base nelas construiu-se doce e empático. A hostilização o constituía em eras remotas, uma vez que agora era tocado intimamente por Negrinha e Baleia. De fato, soubera ler os clássicos, mas também o corpo e o beijo de Y, e isso o fez suspirar pelos cantos. Por vezes, pegou-se enganando a si mesmo que não. Vez ou outra Dostoiévski surgia para convencê-lo de que sim: *tu serás feliz como um reizinho*.

Não se poderia afirmar até quando, mas naquela tarde foi. Às quatro, depois de recompostos os cabelos, uma terceira cena foi pintada: agora em pé, um diante do outro, reafirmavam o cheiro imbuído no pescoço e, quando alteavam as cabeças, os lábios se tocavam. Os olhos desempenharam papel fundamental para a comoção de X. Sentia-se convidado a amar. Ele, então, se afastou para ajustar a sua partida, mas viu-se preso pelos braços grandes: *Está na hora, mas eu não queria* – disse Y, com a voz dialética. Só pôde fitá-lo com carinho, mas também ofereceu uma mão na face do rapaz, jurando estar ali colocado o “estarei aqui se precisar”. Logicamente, o gesto só foi gesto. Nada de palavras saudosas, apenas o resíduo de algo bom. O grilo enfiou na bolsa os seus pertences e a encaixou nas costas. Fotografou o quanto lhe foi possível as formas que sentira tão intrinsecamente.

O termo, não se podia esquecer, era a secundariedade. Na ordem das letras, estivera posposto ao Y, mas sabia que depois exista o Z. Entender a lógica das ordens mostrou-se uma tragédia: Y amava Z, por isso jamais o deixaria somente nos

cadernos de poesia, aquele em que o seu coração rasgado denunciava a saudade. O caso, preso naquele quarto azul, não estaria nos grandes salões de exposição. Do lado de fora, era possível ver uma imagem em abismo: o mundo exterior chovia em consonância ao interior.

O sorriso de Monalisa

Emanuelle Antunes Valente

Para Joana havia duas coisas em sua vida que eram sinônimo de felicidade: montar quebra-cabeças e o seu namorado. O primeiro felizmente a deixava em êxtase e era o motivo pelo qual ela ficou tantas noites sem dormir. O segundo a deixou muitas noites sem dormir também, a princípio para passar tempos juntos, construindo intimidade e confiança, mas depois pela falta que sentia dele.

Joana pensava que cada relacionamento que vivenciou, desde meados de sua adolescência, podia ser comparado a certos quebra-cabeças. Os primeiros com menor quantidade de peças e imagens mais simples, os seguintes, acompanhando o seu amadurecimento, foram aumentando a dificuldade, mais peças, mais detalhes, mais dedicação. Essa comparação só surgiu claramente em sua cabeça logo após o tão dolorido e inevitável término de seu último relacionamento, este que para Joana parecia ser o quebra-cabeças mais importante e que mais trazia felicidade a ela, entretanto, ele foi deixado pela metade e não fora terminado por falta de vontade, ou só por ser difícil demais mesmo, eram muitas nuances, peças pequenas que por vezes não pareciam se encaixar, os dois não pareciam se encaixar.

Há algum tempo, Joana tinha criado o hábito de comprar um quebra-cabeças sempre que terminava um relacionamento, ela chamava de “quebra-cabeças de superação”. O escolhido dependia do quão marcante fora aquela relação em sua vida, quanto mais importante, mais difícil seria, era uma espécie de apoio, significava que ela não estaria sozinha e que levaria o tempo da montagem para superar e seguir em frente; já era uma intensa, porém modesta coleção de quebra-cabeças. Nesse contexto, com o recente término era necessário um novo quebra-cabeças de superação, Joana queria montar o maior e mais empolgante. Ao chegar na loja, seus olhos brilharam ao ver um que era a representação da Monalisa, a célebre e inestimada obra de Da Vinci, eram mil peças, ela esperava que demorasse tempo suficiente para curar seu coração que estava tomado pela tristeza. Após fazer a

compra ela rapidamente retornou para casa, era hora de iniciar seu já conhecido processo de quatro passos de montagem.

O primeiro passo seguia sempre da mesma forma, separando e montando as peças das bordas, para ter uma noção do tamanho e conseguir distinguir as cores, e então partir para o restante das peças. Joana lembrou-se nesse momento dos primeiros contatos com o agora ex-namorado, ela o conheceu por acaso no shopping enquanto fazia compras. Ele pediu ajuda para dar um presente para a sobrinha, ela o ajudou de bom grado e por fim, trocaram telefones e passaram a se falar com grande frequência, conhecendo-se pelas bordas e construindo algo especial que culminou em divertidas idas ao cinema ou ao teatro, ele até tinha convencido ela a ir numa partida de futebol, esportes desse tipo não eram sua praia, mas assistir uma dupla jogando xadrez não parecia atrativo a ele.

O segundo passo do processo era separar as peças por cores para facilitar na montagem e definir onde cada uma possivelmente ficaria. Em seguida, prestar atenção nos formatos delas e tentar encaixá-las sem forçar, pois, se forçasse era sinal de que a peça não estava no local certo. Mais uma vez o pensamento vagou para a fracassada relação amorosa, só agora conseguia ver que os momentos de felicidade não sobressaíam aos momentos de desgaste, recordou-se de tantas vezes que teve de encaixar-se forçadamente em situações que não estava confortável para agradar o namorado, as constantes idas às festas ou bares eram na maioria das vezes contra sua vontade, por ele, Joana permitia que suas cores tão vivas se juntassem à cores tão neutras ou diferentes demais de si.

O quebra-cabeças seguia em construção e Joana já conseguia visualizar as mãos, colo e olhos da Monalisa. Mas nesse ponto, sendo este o terceiro passo, no qual tentava construir pequenos pedaços separadamente que poderiam ser promissores para encaixar com o restante do todo, ela se perdeu em outro devaneio. É fato que cada pessoa tem sua bagunça, e para Joana, antes de juntar suas vivências com outra pessoa, deveria existir um consenso que todos precisam tentar arrumar sua própria bagunça ou pelo menos entender suas neuras, para não correr o risco de estagnar ou permitir que o outro resolva por você. Essa divagação surgiu pelo fato de Joana ainda não ter convicção sobre sua vocação e ter trocado de faculdade três vezes durante o relacionamento. Cada uma dessas vezes resultou em longas discussões, para ele não podia ser um curso que no futuro pagasse pouco, não importava se ela odiou engenharia e direito, ser professora de matemática era um tiro no pé, mesmo que ela gostasse mais de ensinar e até conseguisse se imaginar sendo professora de tal matéria.

No quarto e último passo, a maior parte do quebra-cabeças já estava montado, restavam somente algumas peças, que por serem lisas ou mais escuras dificultavam o processo. Ainda não se via o vestido e nem o tão característico sorriso de Monalisa, que se encontravam inacabados. Nada parecia dar certo nesse momento, as pe-

ças pareciam todas iguais, por isso, Joana resolveu fazer uma pausa e tomar água para refrescar a garganta e os pensamentos. Logo, outro paralelo foi estabelecido em relação ao seu namoro, em certo momento as brigas tornaram-se constantes, na maioria das vezes por comentários machistas e desnecessários, “essa roupa está muito curta”, “você não vai sair sem mim”. Até que em certo momento Joana ficou no escuro e sem saber por onde prosseguir, os dias pareciam todos iguais, a relação era desgastante e indiferente, não haviam mais conversas e compreensão mútua, somente a vontade de jogar as coisas pro alto e desistir. Muitas vezes teve de tomar um ar, uma água ou qualquer outra coisa para não perder o que tinham construído até então, mas mesmo assim não foi suficiente. A essa altura já era tarde da noite, Joana então decidiu se recolher e deixar para continuar a montagem no dia seguinte. Foi para a cama, mas por algum motivo não conseguia pegar no sono, o quebra-cabeças inacabado martelava em sua mente, assim como o famigerado término. Parecia tolice comparar as duas coisas, talvez fosse, mas não conseguia deixar de o fazer. Não podia deixar que outra coisa que lhe dava tanto prazer e felicidade se tornasse um fardo, por essa razão levantou-se e foi retomar a montagem, faltava pouco. Diferente de um relacionamento em que os dois tinham que esforçar-se para dar certo, o *puzzle* só dependia de Joana e ela sabia que podia concluí-lo, não por obrigação, mas porque queria fazer aquilo.

E assim o fez, peça por peça foi sendo encaixada revelando os contornos da representação da obra-prima de Da Vinci, nada mais parecia tirar o foco de Joana, sua imersão na ação era evidente. Junto aos primeiros raios de sol do dia seguinte as expressões introspectivas da face de Monalisa se completaram, o discreto sorriso da musa estava estampado e direcionado para Joana. As mais diversas teorias rodeiam tal sorriso, seria sinônimo de mentira, a expressão de uma emoção não sentida, felicidade, tristeza, indiferença, não há como saber e esse enigma perdura. E da mesma forma as relações humanas são enigmáticas, é muito difícil definir quando deu errado, ou o que poderia ter sido feito diferente, ou quando deixou de ser algo bom para ser cômodo.

Enfim, Joana resolveu que bastava de tanta divagação, era hora de descansar. Para ela o fim do quebra-cabeças marcava também o fim da sua atenção para o término do namoro e o que poderia ter sido, não havia mais o que pensar sobre, acabou, era preciso desmontar para conseguir ir em frente.

Aqui, maldito entre Nós, as Marias

Fernando Ferreira

Aqui, depois de muito hesitar, deixo correr este fio de sangue seco direto da cruz, deixo rastejar pelas vias molhadas e pelas estradas da seca, aqui, cavalgando a fuga, aqui, bem aqui onde podem ver, permito que o fio se arrebente, permito que o fio me enovele, permito que o sangue ganhe o oceano e nós duas possamos abrir o jogo. Maria à minha frente, Maria às minhas esquerdas, Maria por dentro, Maria me olhando de cima, Marias trocadas fundidas, Maria não sabe de nada, sabendo de tudo. Maria nunca acabará, Maria está me esperando, olhos baixos e mãos aflitas. Maria continuará até aí, bem aí, vertida em outro código, traduzida em retalhos. Mas Maria eu falo é de agora. Nossos olhos correntes. Nossos olhos nadando nos círculos que conjuramos juntas. Sem que Ela soubesse, sem que Ela pudesse adivinhar, eu a escolhi. Tento disfarçar meu entusiasmo porque a sombra da morte é ainda muito longa. Ainda que ele tenha voltado, é difícil para Maria engolir esse teatro. Ele está morto e pronto. Desde então, Ela escolheu inhas mãos para desembaralhar seu caminho. Desde então, Ela quer saber que será de sua vida depois que abandonou um filho. Depois de ter dado carne ao verbo, depois de ter sido prova ambulante da criação, a Conceição agora larga mão de Seu milagre e condena ao fogo Seu poema concebido sem pecado. Ela agora confessa que a virgindade é uma ficção que esteve escrevendo contra a própria vontade. Eu aqui nada julgo, minha posição é de oráculo: mais um fio que deixo escapar. Tudo que faço é para destacar as curvas e as rasuras do tempo que contaram por mim, é para afogar o relógio, é para descosturar o retrato que fizeram de mim. Eu sou uma artista: dizer as coisas por dizer é mesmo para quem está começando no escuro, eu, por outro lado, já contraí este mundo todo o meu coração. Elegi Maria e Maria me elegeu. Serei tua voz. Serei teu espelho de águas mutantes. Não me agrada um destino parado fazendo casa pros insetos. Não confio em um rosto sem marcas. Aproveito pra confessar logo que estou sabendo de tudo. Vocês em nada

me surpreenderão. Todo esse caminho já percorri no corredor do sonho. Indo e vindo. Indo sem voltar também. Mas Maria não sabe. Ela é quem devo ajudar a saber. Sei de cor todos os capítulos da História. Estamos num barco, não é por acaso. Estacionadas à uma distância segura das fronteiras, aguardando a luz certa para partir. Quero marear minha amiga até que Ela possa dormir e praticar também suas inclinações divinatórias. Acontece que, apesar de não confiar no filho, Maria confia em mim e quer que eu jogue sua sorte, quer conhecer os mistérios do que andei pintando em exílio. Conto a Ela que passei, e ainda passarei, grande parte da minha vida em grutas. Explico a Ela que sempre me ajoelho diante desse privilégio, que louvo as grutas e sua vocação para acolher e ensinar o mistério. Maria quer saber do que é que estou falando. Saco da bolsa o material, disponho as cartas sobre a mesa e seguro a Sua mão esquerda à minha. Comecei a ensaiar as figuras sem que elas conversassem comigo, Maria, essa é a verdade, fui desfiando seu silêncio até atar uma à outra, vocês e Ela devem entender: meu bordado é o sangue correndo desde os gêmeos que brincam sob o sol até preencher a cabeça suspensa do enforcado: todas estas cartas, ou lâminas, ainda não sei o que são, eu ainda não sei de verdade os seus nomes. O futuro que cuide de seus batismos. Acaba que costume agir pouco de caso pensado, sabe? Prefiro mesmo esperar que as coisas se chamem, que elas reclamem seus lugares. Gosto de narrar sem saber onde estou nem para quê tudo está se movendo, gosto de brincar desse jogo de azar sem perdedores. Mas não vá pensando que há quem ganhe. É uma soma de zeros. É um passatempo sério. Delírio como compromisso. Explico à Maria que este jogo que invento é apenas uma maneira artesanal de operar nossos planos, tapar antes os buracos que podem nos engolir mais à frente. Ou mesmo sondar a gruta do nosso peito agora, nesse instante. Me embaralho, me confundo, estou sempre na contramão de mim mesma. Estou aqui, bem aqui, falando com alguém aí, muito aí. Por ter um vislumbre desse tecido, é que Maria decidiu não acompanhar João, o discípulo mais amado de seu filho. Contra todos, preferiu seguir comigo, preferiu ser amiga da puta, da apóstola entre os apóstolos, Ela me escolheu porque deseja nessa viagem que eu tire Sua sorte, aqui, onde o novelo encontra seu começo e seu fim, aqui onde os fios se enrolam duros, aqui no coração das águas, peço, então, que Maria escolha a primeira carta. Peço que Ela pense em uma pergunta. Seguro em Suas mãos e assopro. Aperto Seu coração e luto para enxugar tanto vermelho, há tantas fibras de vida, há tantas cruces gravadas atrás dos olhos que é preciso borrar, é preciso jogar água, é preciso ter a visão limpa para desossar o bicho, para desembulhar os papeis do futuro. Maria respira fundo e me confessa, de repente, o desejo de mergulhar nua nessa escuridão. Não sinto pudor, mas me assombra que Ela deseje entrar na água antes do jogo. Me assombra que Maria esteja agora tão mais perto do próprio corpo, tão mais ligada a Sua vocação para a matéria. Logo Ela, a Mãe do milagre, a Mãe

do escolhido, logo Ela que não seria antes capaz de submeter-se ao perigo porque Seu corpo passava tempo demais sendo receptáculo sagrado, porque Seu corpo era uma gaveta, porque Seu corpo era um casulo que deveria gestar os nutrientes necessários para sustentar o salvador ali dentro e mesmo depois e depois e depois, para sempre nutrindo o messias, seu corpo não corria perigo porque o menino não poderia jamais ter seu caminho interrompido, porque era ele o senhor deste terreno, porque é e será ele a razão de tanto sangue e cálice.

Embaralho as cartas. Maria põe os pés na água, seus cabelos crescendo abaixo do umbigo, a lua arrepiando: Ela escorrega para dentro da noite. Algum alerta se acende em mim, mas decido esperar. Aceito que Ela aguente a submersão por longos segundos. Prefiro não esboçar movimento, não quero que Ela suspeite que estive preocupada. Maria não quer mais ser alvo de cuidados nem vigília. Quer apenas a minha companhia. Quando submerge e retoma Seu lugar, me espanta o frio que não sente. Quer iniciar o jogo assim, coberta da lua arrepiando.

Peço que Maria corte o maço. Penso com carinho em Marta e Lázaro, eles partiram de manhã cedo para chegar antes de nós, localizar meus contatos e garantir que tudo esteja em ordem para nos plantarmos ali. Entenderam que precisávamos desse momento. Quando nós duas atingirmos a praia, lá estarão eles para nos receber. Eu Maria em dobro, ela Maria primordial. Nós, envelopadas pelo silêncio da água e pelo olhar escuro do céu, iniciando uma à outra. Ela puxa a primeira carta. Viro a face para cima. Não me surpreendo que Maria tenha despertado a criatura alada de chifres. Quando o criei, estava tomada de febre, lutando muito para reforçar os traços sem a menor ideia de que conjurava a silhueta de um diabo. Mais tarde, enxerguei os dois criados aos seus pés. Amarrados pelo pescoço, eles mais parecem dois cães que aprenderam a sustentar a coluna ereta. Isso me faz lembrar, é inevitável, da história que contam e continuarão contando: no nosso primeiro encontro, o menino teria libertado meu corpo de sete demônios. Aquele não foi o primeiro dia em que nos vimos, é preciso ficar claro. Ele não se recorda, mas estive na festa, a tal festa em que ele envenenou a água e fui eu a única a me deixar envenenar de consciência plena. À certa altura, tamanho o êxito de seu ilusionismo, ele até mesmo abandonou o pudor de esconder os barris de vinho que ele e seus capangas haviam estocado para jorrar na água, expondo-os sobre a mesa diante de um público já moribundo de tão crédulo. Me diverti como nunca, encantada por sua engenhosidade, mas os demônios da outra história, isso é fundamental saber, foram libertos do castigo ao sabor da minha vontade. Minha exclusiva vontade. O filho de Maria não é dotado de uma mínima fibra mágica, tudo nele é homem e desejo. É um treinado senhor das artimanhas, dominou com propriedade os trejeitos de um deus encarnado. Estes demônios eu havia aprisionado em mim porque estavam de mal criação, provocando rupturas onde não deviam. E o menino me apareceu nessas circunstâncias, tinha curiosidade de saber como

eram as coisas de verdade... sei que isso seria outra novela a ser desenrolada, mas Maria aguarda minha leitura. Volto a encarar Suas mãos e não sei como explicar que em Seu caminho o corpo continuará representando um castigo, que o diabo quer falar urgentemente da submissão aos prazeres terrenos. Ele quer e quer, mas algo conspira contra. Fala do corpo ganhando substância, matéria, gozo, poder e, mais à frente, o chicote. Maria, temo que o jogo começa sinalizando que a perseguição não terá fim tão cedo. Talvez porque ainda estamos aqui tão perto de onde tudo aconteceu. Talvez porque Nós duas sempre fomos quem somos e ele sempre foi apenas um menino sortudo. Maria? Está tudo bem, Maria? Não era o que esperava? Se você me disser no que estava pensando, podemos elaborar isso juntas. Maria? Maria começa a se vestir, o corpo ainda molhado. Vocês não apontem para mim, mantenham-se em seus lugares, por favor, aqui nós nos resolvemos, de Maria para Maria. Maria está me acusando de reacender nela um sentimento de culpa, um sentimento de que abortar o filho já crescido vai lhe custar mais uma vez a posse de seu ventre. José vai querer inventar outra milagrosa saída para os seus problemas, vai encontrar Maria, apertá-La contra a parede e obrigá-La a fingir mais uma vez uma concepção imaculada. Maria acha que estou conspirando para que isso aconteça. Acha que nunca será perdoada por ter abandonado o culto ao messias. Jamais, Maria, eu jamais poderia te receitar mau agouro. Eu acho que é natural se sentir assim, Você é a Mãe dele. A Mãe, a Mãe. A Mãe! É natural carregá-lo pra sempre, mas chegou o tempo de ceifar. Enterra. Enterra. Enterra! Entende agora? Começamos com o diabo porque ele quer mostrar quais são as suas condições nesse momento. Apenas isso. Você deve pensar que algum dia o que dizemos será transcrito em uma língua que certamente não é essa. O que restará são os desenhos que armo aqui para passar o tempo. Sendo assim, não, não, definitivamente eu não vou Lhe dizer falsas predições só para Lhe agradar ou afugentar. Joguemos então. Por favor, volte. Volte, Maria! Sente frio? Está sentindo frio, é isso? Posso pedir para a Lua remar mais devagar. Espero que possamos contar toda a história, que possamos percorrer todo o círculo. Espero que fique claro: estou agindo sobre o mundo e é por isso que ele existe. Você está assim, posso me arrepender, mas arrisco dizer que Você está assim porque ele agora nasceu para outra coisa, não é? Ou você vai continuar ignorando que o filho é meu? Tento convencê-la do incontornável: o menino agora nasceu de mim. Fiquem vocês sabendo também. No terceiro dia, Maria estremece só de pensar, no terceiro dia fui sondar sua gruta. Farejei seus rastros. E aqui a costura sai rasgando. No terceiro dia fui encontrar seu corpo apenas para confirmar que respirava, fui preparada para lavar seu corpo de unguentos e ervas apenas para sentir pulsar meu sangue dentro do seu sangue. Você não deve se remoer agora, Maria, deve cortar os fios, ficar finalmente livre do santo. Agora é o homem, agora é o homem do mundo que está vagando por aí, possivelmente em algum canto escuro, ele ainda não concluiu sua transição, mas eu o ensinei muitas

coisas durante os três dias que passamos naquela gruta. Ele se regenerava dos espinhos enquanto eu pintava sem ver o tempo correr. Quando escurecia, narrava para ele contos sobre pessoas como eu. Olhando longe, fechando o punho, ameaçando fugir, Maria me acerta: Madalena, é aqui que nos separamos. Eu respondo: Maria, o seu medo é que um dia eles descubram que o pai é mesmo José, é isso? Você sabe que não demorará muito até que essa história de ascender aos céus venha abaixo e Jesus seja flagrado em posição de caça feito uma ave brava dos desertos, não é? É isso que teme? Fique tranquila, por ora ele ainda é fraco, mas ele é um iniciado no sangue e continuará sendo. Ele é, finalmente, mais que um bom ator, mais que um sabedor de truques. Se alguém o encontrar, não viverá pra contar vantagem. Seu filho agora carrega a minha doença de eternidade. Jesus nem pensa mais em Você. Jesus atravessará todos os tempos exercendo o contrário das escrituras que erguerão em seu nome, Jesus estará sempre nas sombras, admirando à distância o trabalho de luzes e efeitos que farão de sua imagem. Eternamente entretido em ser o duplo de si mesmo. Não se preocupe. Ele não sente nenhuma mágoa de Você porque ele é, pra sempre, incapaz de arrependimento. Não conhece esse sentimento, perdeu a conexão com tudo que o ensinou. Perderá pouco a pouco a lembrança do que professava. Vai estar sempre gargalhando, achando ridícula sua vida pregressa. Ele não precisa de Você. E Você precisa aprender a não ser necessária a ninguém. Venha, Maria. Voltemos pra cá, Maria, voltemos a bordar sobre o coração das águas. Venha, mantenha este fio tesó. Vamos, Maria, pense na segunda carta. Dessa vez, faça a pergunta em voz alta, por favor. Pode falar. Estamos só entre nós, aqui, Marias. Maria para de forçar o tecido e volta a costurar comigo. Maria me convoca. Madalena, me diz! Madalena... e Deus? – Ela pergunta, Ela invoca, Ela quer se sujar também – Madalena, se eu e José inventamos Jesus... e Deus? E Deus, Madalena, quem foi que inventou?

Não é agora que vai ser diferente

Ingrid Marcela Souza Moura

As ruas fediam a merda naquela confusão de animais e de gente, eu não sabia dizer de quem ou do que vinha o cheiro. Mas nem os peixes estragados ou as frutas passadas, chegavam ao pé do barulho daquele lugar. Precisa de um carregador, patrão?. Cães latindo, galinhas cacarejando e os barcos –aqueles malditos barcos!. Parecia uns papagaios no cio, piando sem parar. Lembro de meu pai dizendo “é preciso sobreviver”. Melhor descartar essas ideias de jirico e voltar a trabalhar. Andando entre os carros com minha caixa de isopor debaixo dos braços. Vejo algumas pessoas de máscara, se fosse ano passado eu com certeza nem ia bater na janela deles, mas essa doença nova parece ser bem séria. Não vou usar máscara, nesse mormaço eu não ia conseguir respirar. Não saio pra festa ou coisa assim, então não vou me preocupar tanto. Mês que vem tudo vai estar normal e eu não vou ver essas máscaras de novo.

Uma velinha em um Prisma vermelho perguntou porque eu não estava de máscara, não consegui ficar sério, ela estava de capacete e máscara dentro do carro fechado. E de quem ela tá com tanto medo? Acho que de mim não é, ela comprou dois dindins e saiu tomando um. O sinal ficou vermelho. Lembro que a Tereza falava do tempo em que ele continuava vermelho e até onde a gente conseguia ir antes de ficar verde. Ela não gostava que buzinassem pra ela. Dizia que isso estressava ela e que a dor de cabeça era bem pior do que o sol torrando na cabeça. Tereza não vem faz uns dias, da última vez que ela veio ela tava com dor de cabeça e tossindo bastante. A gente já vendeu juntos algumas vezes, ela sempre vendeu água por odiar cozinhar, esperta. Lembro que ela ficava doente fácil, toda vez que chovia ou fazia um friozinho ela já tava gripada.

Desapercebido vi de longe o maluco pelado se aproximando. Chamam ele de “Zé da trombeta”, nunca entendi muito bem o porquê. Precisava ir pra outro lugar, fico puto quando ele vem por aqui, esse maldito espanta os clientes, pessoal

levanta o vidro e ficam encarando ele. Vou tentar vender na parada no fim da rua. É horário que os estudantes estão saindo da escola, o tempo que fico lá deve ser o bastante pra ele ir pra outro canto. Já que as vendas não estavam indo muito bem. Estranho, em dias quentes assim costumo vender bastante. Mas tem menos carro na rua e menos gente nas paradas. O que consegui com as vendas de hoje deu mal pra comprar um frango e um quilo de arroz. Amanhã vou ter que levar meu filho pra me ajudar, a escola dele fechou e tá pelo celular, como vai ser só por um tempinho não tem problema. Minha mulher não gostou da idéia, mas a gente não tem muita escolha...

Mais um dia de trabalho. Dessa vez, meu filho veio junto. É bom que ele já vai aprendendo a como sobreviver na vida. Vivemos honestamente da venda dos nossos dindins, não é vergonha nenhuma. Meu avô ensinou ao pai e meu pai também me ensinou quando ainda era um moleque. Talvez, já estivesse na hora de meu filho aprender mesmo. Minha mulher sempre diz que isso não é futuro, já eu digo que é o nosso passado, presente e será nosso futuro. Nada mudou antes e não é agora que seria diferente. Melhor mesmo é parar de reclamar e trabalhar. O sinal ficou verde. Andando entre os carros, percebi que o movimento estava ainda menor. Diziam que era culpa dessa nova doença, um vírus. Eu não entendia bem sobre o assunto e nem o motivo de tanto alvoroço das pessoas-mascaradas. Um cliente com as mãos abanando para fora do carro fazia sinal para mim. Mas logo quando nos viu sem máscara, fechou o vidro da janela e me enxotou como se eu bicho fosse. Qual era o problema dessa gente?. Um pai precisava comprar o alimento de sua família.

Passamos o dia andando e procurando por alguma alma que comprasse nosso produto. O sol estava pior do que nos últimos dias, deveria ser ótimo pras vendas. Mas quanto mais o tempo passava, menos movimento tinha. Hoje, nem mesmo as mulheres e meninas das esquinas aguardavam por trabalho. Muito menos Tereza. Não sabia se algo tinha acontecido com ela, provavelmente, só estava dando um tempo mesmo. Já cansados de tanto andar, resolvi parar pra descansar e pedir um pouco de água num barzinho da esquina. O dono do bar reclamava do pouco movimento. “Assim, teremos de fechar as portas, há dois meses não temos lucros”. No radinho sobre a bancada o locutor informava, às notícias “ China e Estados Unidos fecham suas fronteiras e decretam que os aeroportos internacionais e nacionais estão proibidos ainda por tempo indeterminado”. Duas mulheres que bebericavam em suas mesas, levantaram nervosas e foram embora. O último, um homem, reclamou que aquilo não passava de uma baboseira, era tudo invenção e era apenas uma gripezinha como outra qualquer. O dono do bar, olhando para ele não disse nada, se virou e foi para os fundos do estabelecimento. Nesse dia, o dinheiro só deu pra comprar o frango e substituir o arroz pela farinha mais foleira que achamos.

Um pai precisa sustentar seu filho e sua mulher, era só no que eu pensava. Fazia três meses que nós mal sobrevivíamos do que conseguia ganhar. As ruas cada dia mais vazias, significavam uma dispensa cada vez mais vazia também, e barrigas que não paravam de reclamar. Agora nem os barulhos dos barcos estavam lá para me incomodar mais, não conseguia parar de sentir saudade de antes. A situação não estava fácil para ninguém. Meu filho tinha parado de me acompanhar na venda e agora passou a pedir por alimentos nas casas. Ele já não estudava mais fazia algum tempo, como ele poderia? Mal tínhamos condições de comprar comida, imagina ter um pacote de internet ou colocar 20\$ todo mês de crédito. O estudo dele era nas ruas. Nossa vida.

A situação só piora. Mas tudo parecia normal, não existia mais vírus. Completando um mês trabalhando em festas clandestinas, meu pai adoeceu. Sentia fortes dores de cabeça e muita febre. No início, sem se importar com sua saúde, ele continuava a trabalhar, para ele ter comida em casa sempre era o mais importante. Até o quadro dele piorar, e em uma das noites de trabalho ele foi levado para o hospital. 70% do pulmão comprometido, disse o médico. “Não há lugar aqui para o seu pai, vocês teriam de voltar para casa e orar por sua melhora”. Oramos. Meu pai piorava. Oramos mais um pouco. Ele quase não conseguia comer devido o cansaço. Oramos, oramos e oramos.....

Hoje após um ano e meio de pandemia, nós permanecemos orando.. sobre sua lápide.

Eclipse

Israel de Lima Leite

Sempre fui um homem que acreditou que cada ser humano tem um vazio dentro de si, um anseio por satisfação e prazer. Talvez tenha adquirido esta crença por minha infância na igreja, por tantas vezes recitar “a minha alma tem sede de Deus”, ou mesmo por ter consciência de minha própria existência vazia, que sempre me levou a esta busca incansável por contentamento. É, quem vai saber? Por muito tempo este deus fez parte da minha vida e levo comigo muitas de suas filosofias sobre amor e bondade, mas, para falar a verdade, acho que nunca fiz realmente parte do seu reino. Na verdade, sempre fui aquilo que as pessoas chamam de ovelha negra, filho pródigo e por aí vai. Sempre fui amante dos prazeres da carne. Sexo, festas, bebida, sempre estiveram integrados à minha maneira de viver. As drogas então, eram minha válvula de escape de um mundo regado por hipocrisia e julgamentos. Como esquecer a sua primeira tragada num cigarro de maconha? A primeira vez que se cheira um pouco de cocaína? Da sensação alucinógena, mas ao mesmo tempo de “libertação”, que estas maravilhas trazem para nós? São emoções que sempre me trouxeram fascínio, que moldaram diversos momentos de uma juventude dedicada à devassidão e deleite pessoal.

Talvez você esteja pensando: “mais uma vida jogada fora vivendo da forma errada”, “mais um que foi ao fundo do poço agindo da maneira que queria”. Mas as pessoas esquecem que se pode existir de maneira inteligente e prazerosa, pensando no agora e no futuro. E era assim que eu pensava, e foi isto que me levou a uma faculdade de química. Pois no agora eu queria aproveitar, mas no futuro eu desejava levar às outras pessoas o mesmo prazer que eu sentia, mas de maneira muito mais intensa, um prazer jamais sentido por ninguém. Pois vivia em uma sociedade que, assim como a alma humana, era vazia. Uma sociedade escrava da tecnologia. Onde as relações sociais só existiam no campo virtual e tudo, praticamente tudo, era fácil demais para ser valorizado. Queria mudar este estado, tornar

tudo mais real. E sabia como fazê-lo. Eu criaria algo novo. Uma substância capaz de causar emoções ilimitadas. Um químico para ser mais viciante que a heroína, mais consumido que a maconha, mais alucinógeno que o LSD. “Eclipse”. Esse seria o seu nome. Um nome com a dicção que fez de *Heineken* uma marca de sucesso, mas que também tinha um significado pessoal para mim: um obscuro que encobriria cada célula inibidora de prazer, e traria ao usuário a sensação de voo e liberdade extasiantes, a sensação da noite. Um obscuro que encobriria tudo aquilo que fosse conhecido como limite. Que preencheria o vazio de cada indivíduo. Criaria uma nova filosofia de vida.

Podia contar com a sorte, pois com certeza ela estava do meu lado. O ano era 2050. Os governos do mundo já haviam legalizado os narcóticos por já terem encontrado meios para lidar com eles. As igrejas haviam perdido seu total domínio, o homem era o centro da existência. O ser humano agora precisava de novas sensações, e eu daria isto a ele. Foi assim que o futuro tornou-se presente e Eclipse foi um sucesso. Em todo o mundo já era o químico mais usado, já havia alcançado todos os tipos de pessoas, de diversos gêneros e idades, de várias raças e etnias. Já havia aberto as portas da independência, e tornado comuns cenas de nudez e relações sexuais públicas, de todos os tipos de declarações de amor, de pancadaria entre chefes e subordinados, etc. Já não havia mais extremos. O mundo era um lugar livre. Eu havia criado esta liberdade, havia dado início a ela, e as pessoas tinham sede dela, ansiavam por mais e mais dela. E eu havia conquistado meu próprio império. Porém, na verdade, meu sucesso seria a queda de todos os outros. E eu havia dado à humanidade o combustível para queimar tudo.

Sem limites, não demorou muito para terem início os saques, os assassinatos, acidentes causados propositalmente, explosões por todos os lugares, suicídios causados pela inconsequência, a falência da economia pela insanidade dos trabalhadores, a extinção dos governos, entre outras atrocidades. O sonho havia dado lugar ao pesadelo. A liberdade tinha dado lugar ao caos. E eu havia causado a destruição da humanidade. Tentando criar o eclipse, criei o sol negro. Por isso, pensei em pedir perdão a Deus, pedir a ele que me aceitasse de volta, mas não havia mais deus, não havia mais perdão. Ele havia me entregado o livre arbítrio e eu transformei sua maior criação no próprio demônio. Só me resta agora usufruir daquilo que criei. Usarei minha própria droga e irei ao inferno juntamente com todos.

O formigueiro

Juliana Rozário do Nascimento

Era um envelope de papel pardo, estava fechado com um selo de cera vermelha, daquelas que julgava existir apenas em novelas de época, abriu-o delicadamente na esperança de mantê-lo intacto, mesmo assim o selo se partiu em dois.

No verso, as seguintes palavras em letra cursiva delicada: Para minha querida Elise.

...

Elise, caso esteja lendo isto, infelizmente, significa que não estou mais por aqui. Gostaria de iniciar esta carta com uma breve explicação.

Em 21 de dezembro você me fez sua última visita, digo isso com propriedade pois foi no dia anterior a este que tive certeza de meu fim iminente. Você estava deslumbrante como sempre, não tive coragem de dizer que seu novo xampu me agradava muito, talvez você nunca tenha notado o quanto eu gostava de cheirar seu cabelo, talvez tenha sido melhor assim.

Foi naquele dia, um dia ensolarado, em que você notou a presença da praga que agora me consome, esta que nem eu mesmo havia percebido, talvez por culpa da visão turva que a diabetes me proporcionou.

Um grupo de formigas pretas trabalhava com empenho para destruir um pequeno pedaço de bolo de laranja, aquele que você tanto gosta. Você achou estranho, comentou que havia visto os insetos pela extensão inteira das paredes do corredor quando entrou. Disse também que não conseguiu achar nada que remetesse a um formigueiro durante seu percurso até o pátio, mas de qualquer forma, não havia parado para procurar. Foi nesse dia que você compartilhou um conhecimento que eu não possuía. Disse-me que formigas eram até mais sujas que baratas, se equiparavam às moscas e carregavam milhares de bactérias.

Eu nunca quis contar sobre meu problema, talvez eu tivesse algum distúrbio e nunca soube, e explicando de uma forma bem simplista eu odiava e ainda odeio sujeira. Na verdade, eu sempre tentei parecer o mais natural o possível quando você deixava cair um pouco de açúcar ou respingos de leite do café na mesa, mas isso não vem ao caso agora.

No curso de minha vida até me aposentar, troquei de diarista mais vezes do que consigo lembrar, nenhuma delas era boa o suficiente. Quanto finalmente tive tempo, devido a aposentadoria, claro, eu limpava minha amada casa com todo afinco que restava em meu corpo cansado.

Passei duas semanas na capital, fazendo exames, cheguei de tarde, e logo na manhã seguinte chamei você. Realmente, elas estavam por toda parte, você as notou antes de mim. Decidi então que só lhe chamaria quando resolvesse o problema, sabia também que não tinha muito tempo, o recém-confirmado câncer em estágio avançado, a diabetes e a hipertensão, nada estava a meu favor.

Primeiro chamei o controle de pragas. Aqueles dois neandertais entraram com suas botas imundas em minha casinha, mesmo depois de eu pedir três vezes para que as tirassem. Fiquei tão frustrado que os mandei embora antes de começar o serviço. Teria de fazer eu mesmo.

Comprei 5 latas de detefon, coloquei meus óculos e fui a caça delas. Eram duas fontes, uma na quina da parede do corredor e a outra em uma pequena brecha na cerâmica da cozinha, quase imperceptível. Passei alguns dias espirrando o veneno fedorento, mas elas nunca sumiam por muito tempo. Comprei então um litro de óleo diesel. Pingava eventualmente nos buracos.

De nada adiantava. Elas apenas pareciam se proliferar mais e mais.

Depois de um determinado tempo já conseguia ouvi-las. Elas passam com suas pernas minúsculas enfileiradas por dentro dos tijolos da casa, pelos ladrilhos e por dentro do concreto do chão. É apenas nelas e em você em que penso, desde o momento em que acordo, até a tortura que se tornou deitar a cabeça no travesseiro para dormir. Elas deboçam de mim, tenho certeza que se seus aparelhos bucais tivessem capacidade de rir, elas fariam isso.

Estas pragas tornam imunda a preciosa casa que passei anos construindo.

Por que elas não somem? Já apliquei os mais diversos tipos de inseticida em todos os buracos que conseguia encontrar, nas brechas das tomadas, nas rachaduras da parede, até dedetizei o forro da casa. Surgem grupos e mais grupos daquelas malditas, todas mortas espalhadas no chão, varro tudo com deleite, afinal, a cada tentativa tinha esperança de que finalmente estava livre destas praga.

No entanto, não tarda dois ou três dias e elas voltam ao seu trabalho organizado, tentando pegar qualquer migalha que possam encontrar, e por mais que eu já faça todas as refeições segurando o prato sobre a pia, por mais que a água leve todo

e qualquer vestígio orgânico, por mais que eu jogue água quente e depois água sanitária para que o ralo permaneça limpo, aquelas desgraçadas não desistem.

Há mais de 2 meses que estou nessa batalha contra as minúsculas guerreiras. Sinto muito sua falta.

Estou escrevendo pois acredito estar muito fraco, talvez a exposição a estes químicos esteja piorando meu quadro. Comprei umas máscaras com filtros, daquelas que as pessoas usam durante construções. Também comprei 1 litro de um inseticida tão forte que precisa diluir para pulverizar.

Eu gosto de ver as formigas morrerem. Eu preciso ter certeza de que elas se foram. Eu preciso fazer isso com minhas próprias mãos senão nunca terei paz.

Caso não tenha mais notícias sobre mim, meu único e mínimo conforto é saber que você nunca mais vai ter que olhar com desgosto para aqueles fungos na minha unha do dedão do pé esquerdo. Você foi, e sempre será, a melhor pedicure que já tive. Torço para que não precise ler isto, pois gostaria de sentir o toque das suas mãos nos meus pés mornos mais uma vez.

Encarecidamente, Ludovico.

...

Elise descansou as mãos geladas sobre a mesa, ainda segurando a carta. Completamente incrédula.

Proserpina

Luiz Gustavo Cunha

Vai lá ver a mãe, mano. Vai lá, eles já vão chegar pra levar. O homem estava sentado encarando o chão da igreja pentecostal. Era ateu, mas ali que o velório estava sendo feito. Desde criança, nunca mais tinha entrado numa igreja, mas como o resto da família era de orientação evangélica, resolveram que ia ser ali, numa congregação que ficava no bairro. Ele se sentia um intruso, e lia no cadáver distante da mãe que ela também não se encaixava naquela casa de deus. Ela mesma nunca teve uma religião, mesmo sempre dizendo pros filhos que era bom ter uma, pra se encontrar, ela dizia. Será que ela não havia encontrado a si mesma? Ele achava que não, que a mãe sabia quem era, mais do que todos eles que ficaram. Porque, ao contrário deles, ela nunca precisou encontrar deus pra se encontrar. Mas eles precisavam e ela sabia.

Olhando de longe aquele corpo inerte no caixão, totalmente deslocado em tempo e espaço, ficou lembrando de quando moravam alugado. A mãe odiava residir no cubículo que pertencia a outra pessoa. Sempre dizia a gente tem que encontrar nosso rumo, morar no que é nosso. Não é coisa de gente morar na casa dos outros. No entanto ali estava ela, no caixão alheio, na igreja alheia, alheia às palavras alheias. Uma morte de aluguel que não era dela, totalmente estrangeira ao que o pastor dizia. Isso não tá certo, mamãe não ia gostar, o homem pensou. Mas ele tentava não dar importância para isso. Em certo momento, chegou até a fechar os olhos quando o pastor puxou a oração. Orou pro nada, procurando a mãe no escuro. Não encontrou.

Mano, vai ver a mamãe. Ficou calado, olhando para a cerâmica do chão. A igreja cheirava a pinho limão e a mãe odiava pinho limão. Cheiro enjoado, deus me livre, pode voltar e trocar, ele sempre ouvia quando chegava da taberna com a garrafinha de plástico em mãos. Sentiu o cheiro nojento do chão e repetia não consigo, não consigo. De que adiantava ver o cadáver se a mulher que ali estava era

outra? Via o corpo falso, estranhamente limpo, descansando. Ainda não era noite pra mãe estar descansando. Naquele horário, ela estaria procurando alguma coisa para fazer, mesmo que a casa estivesse branca como o chão dessa igreja. Procurando um descuido para ensinar alguma coisa, para dizer que se um dia ela fosse embora, eles estariam perdidos, porque eram um bando de imundos que não sabiam lavar os próprios pratos. Lembrou que um dia antes do acontecido, ele tinha deixado um prato sujo na pia. Tomara que ela não tenha visto. Mordeu com força algo invisível entre os dentes.

Uma tia se aproximou dele e pegou-lhe no ombro. Ele permanecia calado e imóvel e a tia disse que fosse lá, não era preciso permanecer muito tempo ao lado do corpo, se ele não conseguisse tudo bem, mas era preciso tentar. Como se alguém pudesse tentar qualquer coisa diante da morte. Nunca havia pensado muito bem a respeito da morte dos outros, mas quando era menino sempre ficava imaginando a sua própria. Acreditava em deus ainda e se perguntava se o castigo seria morrer e não ter nada por lá além de escuridão, mas o seu maior medo mesmo era deus ficar com mais raiva e mandar ele pra um lugar todo branco, só ele numa luz de cegar. Imaginava deus assim malvado e implorava pra ele que o livrasse da eterna brancura ardente. Meu filho, quer que a tia vá com você? O homem, olhando a parenta, disse que ela esperasse um pouco e que ia ali pegar um ar rapidinho, só um instante, tia.

Atravessou a porta aberta da igreja e acendeu um cigarro. Lá fora, alguns passavam com olhar curioso. Quem será, hein? Deviam pensar. Olhando assim de fora, para o longínquo corpo enfeitado com flores, eles nunca saberiam quem era a mãe. Ela conhecia pouca gente, para dizer a verdade. Estava sempre em casa e até que os filhos tentavam levá-la para algum aniversário, algum passeio, e sempre as mesmas respostas: gente demais, deus me livre aquele calor, um monte de gente falando. Gostava de estar em casa, na sua casa. Ali, naquela reunião última, só tinha mesmo a família. O homem trouxe um pouco aliviado com esse pensamento. O choro derramado era o de pouca gente, como ela gostava. Mamãe ia adorar morrer assim, no sossego. Deus me livre aquele monte de gente chorando, dando tapinhas mentirosos no ombro. A fumaça do cigarro cobria um pouco sua visão e o efeito do primeiro tabaco do dia o levou para outro plano, retardando um pouco seus sentidos. O homem, chupando o cigarro com força, terminou rápido e, quando entrou no recinto, estava um pouco mais apaziguado. A mãe adorava estar com os filhos. Gostava muito dele também. O que ela ia pensar se ele não fosse lá falar com ela? Malcriado.

O homem chegou com a tia, que estava sentada, com a mão na costa da irmã dele. Todos tinham se despedido do corpo da mãe, só faltava ele, sempre o último. Olhou a tia e pegou na mão dela. Lançou para ela aquele olhar que todos conhecem quando alguém morre, um olhar que não pede palavra nenhuma, que é

universal da morte. Ela entendeu e levantou para levá-lo até perto do caixão. Seus passos eram lentos. Não lembrava mais, porém seus primeiros passos deviam ter sido assim mesmo, o mesmo nervosismo inocente de quem anda em direção ao fim. Passo após passo, ele foi se aproximando, a mão agarrada à da tia. Pensou em fugir dali, em soltar a mulher viva ao seu lado, em xingar e deixar a vida, a vida que tinha abandonado a mãe. Mas sempre é preciso olhar as coisas como elas são e, naquele momento, era necessário olhar as coisas quando elas já não eram e, dessa forma, perceber o que acontece quando alguém acaba e, mesmo assim, começa a viver mais do que nunca.

Viu então o rosto do cadáver. Era tão diferente. Estava bem branca. Maquiada. Dava para ver o esforço da funerária para cobrir os poros fechados. Parece que na morte as pessoas se fecham inteiras. Ficam duras e insensíveis. Logo sua mãe, sempre ativa, uma verdadeira potência emocional. Agora havia se tornado uma pedra, uma coisa impenetrável, com quilos de pó no rosto. O filho, que ainda não tinha chorado, começou a soltar lágrimas que eram acompanhadas de fluidos do nariz, que pingaram no rosto da mãe. Fez um movimento para limpar. Na maçã fria de pedra, o filho encostou seu dedo para tirar a secreção. Tocou aquela face e foi como da primeira vez em que tocou a carne crua de um bicho, quando a mãe estava temperando um bife e o menino olhou curioso e meteu o dedo. Ela deu um tapinha em sua mão, mas ele nunca esqueceu do fascínio asqueroso daquela carne fria e repulsiva.

Olhando agora tão de perto o corpo sem vida, tocando seu rosto gélido, sentiu dentro de si um movimento convulso. Viu tudo rodar e lhe veio um enjoo terrível. O nojo da carne de boi morto em seu estômago e toda a sua infância se revirando dentro dele. Sentiu que ia desmaiar e caiu no chão, bêbado de náusea. A tia foi ajudar e ele se levantou com dificuldade olhando a igreja dos crentes. Agora ele percebia com clareza que era inteira branca, como um grande hospício, a luz ardendo nos seus olhos como nunca, a morte clara como nunca. Sentia-se agora preso no seu inferno de criança, um inferno todo branco cheirando a pinho limão. Cobriu o rosto da mãe com um jato laranja de vômito. Em seu tormento, acariciou os cabelos dela, agora molhados, e passou a mão pelo rosto melado da mulher, removendo um pouco da forte camada de pó branco que ali havia. O rosto, olhando assim, parecia coberto por um véu de restos de comida, como se o cadáver estivesse sonhando. O homem entendeu naquele momento que aquela era sua mãe, Dona Pina. Não era outra.

Sangue de tinta

Maíra da Silva Botelho

Ouçõ o som do despertador. Ele interrompe meu pesadelo: sonhei que repro-
vava quase todas as matérias do ciclo básico da engenharia, e acabava tendo que
mudar de curso.

Sento na cama e balanço a cabeça para tentar afastar esse pensamento. Olho
para o relógio: 5:30. Na cozinha escuto o barulho da minha mãe terminando de
preparar o café da manhã, meu irmão deve ter acabado de pegar a rota. Não demo-
ro para levantar, espero só os cinco minutos para “esfriar o corpo” e pego a escova
de dentes, a toalha, o sabonete e marcho rumo ao banheiro.

Entro no banheiro, ligo o chuveiro, o vapor se espalha por todo o ambiente.
Após terminar o banho olho no espelho para verificar se nasceu alguma espinha
no meu rosto. Mas, ele ainda está embaçado pelo vapor do banho. Percebo que a
névoa ainda não se desfez mesmo com o chuveiro desligado a algum tempo. Con-
tinuo olhando para aquele espelho, quando estou prestes a ir embora percebo al-
gumas letras se formando nele, como se alguém estivesse escrevendo com o dedo:
PER, se forma. Na mesma hora, recuo e meus pés deslizam na água do chão, bato
as costas no interruptor desligando a luz. Meu coração acelera e saio dali. Preciso
tomar café e pensar em outras coisas, é só o cansaço dando ilusões, é isso.

Entro no meu quarto ainda com o coração acelerado, mas a atmosfera conhe-
cida e silenciosa me acalma. Visto a minha roupa de corrida. Paro em frente à ja-
nela para tentar absorver a luz do sol que entra pela janela que está com a persiana
levantada. Olho orgulhosa para a escrivaninha: não há livros nem papeis espalha-
dos. Aspiro toda essa organização e tranquilidade, e elas me reestabelecem. Sento-
-me na mesa do café na cozinha, observo a minha mãe que está lavando a louça:

- O teu irmão pediu para que você faça um favor para ele.
- Claro - respondo.
- Hã? Mas tu nem quer saber o que é?

- Quero sim, mas já aceito.

- Tá bom então! É que ele quer que você saque dinheiro no caixa eletrônico, pode ficar com cinquenta reais, ele disse. O cartão e a senha estão ali no armário embaixo dos copos.

Término devagar o meu suco de laranja, as torradas e as frutas, meu estômago aceita toda a comida sem reclamar. Verifico meu celular e vejo todas as mensagens de “bom dia”, respondo cada uma delas pacientemente. Quando saio para correr, encontro um vizinho que está indo comprar pão na padaria logo perto, ele acena com a mão e se aproxima do portão:

- Bom dia dona M.

- Bom dia vizinho, como vai as pernas?

- Melhores, aquele médico que a sua mãe recomendou tem acertado nos medicamentos. Logo, logo vou correr junto com você.

-Claro a gente até aposta uma corrida. Então, a gente continua essa conversa depois, heim!

Começo o *cooper*. Aceno e dou bom dia para vários conhecidos que encontro no caminho. Faço o trajeto na calçada dos igarapés e paro perto de uma delegacia para tomar um pouco de ar. Passo a mão na testa para retirar o suor. Onde a minha mão tocou o suor percebo que ficou manchada de um líquido negro. Levanto o corpo que estava descansando escorado num poste. Saio dali e vou para um comércio perto, esbarro em algumas pessoas que vem em direção contrária na calçada. Chego num comércio antigo que tem um espelho no fundo da loja, olho para ele para ver de onde veio aquele líquido e percebo que toda minha roupa está manchada de preto: Rodas dessa cor estão ao redor das minhas axilas na blusa, nas costas e nos braços que parecem descamar, olho para as pernas que estão no mesmo estado. Saio dali e esbarro num garoto que vem correndo cheio de panfletos.

- Desculpa moça, toma esse papel para você – ele diz e sai correndo.

Faço caminho de volta, enquanto isso olho para o papel do menino. Está escrito em letras que tomam toda a extensão do folheto: SO. Assim que leio minha respiração acelera e meu estômago embrulha. Corro para casa, minha pele está coçando ainda mais, sinto o líquido escorrer pelos meus poros com os meus movimentos. Será que todo mundo consegue ver esse líquido escorrendo? As pessoas estão olhando para mim, uma conhecida acena e grita o meu nome para saber o motivo de eu estar correndo dessa forma. Eu a ignoro e continuo correndo.

Chego em casa. Minha mãe deixou um recado na mesa avisando que foi à taberna comprar as coisas para o almoço. Olho para o relógio: 7:00, às 8:00 tenho aula, não sei se vou. Minha cabeça dói, corro até o meu quarto e procuro minha caixa de medicamentos em busca de algum analgésico, mas a encontro vazia. Resolvo deitar um pouco, nem ousou olhar o espelho acima da cama. Fecho a persia-

na bloqueando a entrada da luz solar e desligo a lâmpada. Me agarro na ideia de que se eu cochilar vai tudo melhorar. Tento relaxar, reviro na cama, mas tento me aconchegar. Acabo caindo no sono.

Estou no mesmo quarto. Olho ao redor. Vejo papéis pelo chão e pelos móveis e livros em todos os lugares. Não há luz do sol entrando pela janela, a persiana está fechada. Os lençóis de dormir estão espalhados pela cama. Há cartelas de dipirona secas nas estantes de livro. Coloco as mãos nos ouvidos para abafar a música alta: System of Down está tocando na Tv. O notebook está ligado com uma página do world aberta. Me aproximo e tento ler o que está escrito, leio o início do texto: *Ouçó o som do despertador. Ele interrompe meu pesadelo: sonhei que reprovava...*

Recuo e caio para trás no chão. O notebook apaga e a tela pisca com duas letras: NA. Um redemoinho de papéis avança sobre mim, o quarto inteiro está enchendo de papéis. Percebo que a minha transpiração se intensifica e escorre ainda mais sobre os papéis em branco, vejo que ao me tocarem se preenchem de letras. Ouço passos se aproximando. A música se intensifica na Tv. O notebook volta para a página do world que agora preenche sozinha. Minha pele descama em forma de folhas de papel que voam junto ao redemoinho, estou sendo soterrada na pilha que se forma em volta de mim. Quando apenas um dos meus olhos e meu braço direito estão para fora, então a porta abre.

A Infeliz Etelvina¹

Maria Alice Costa da Silva

A menina Etelvina nunca pensou que permaneceria viva após a sua morte, que seria lembrada por tanto tempo quando não estivesse mais aqui neste plano terreno, e de forma tão trágica e tão devota ao mesmo tempo. Ela não queria nada disso. Mas aconteceu tudo exatamente como ela não quis. Sua história foi um misto de amores trágicos, paixões mórbidas e rumores sórdidos. E se inicia quando ela, com sua família de cinco mulheres – sua mãe, dona Rosalina e três irmãs – vieram para a Paris dos Trópicos, direto de Boa Vista do Icó, no Ceará, quando seu Cósmo, pai de Etelvina, falecera. Dona Rosalina estava certa de que a vida seria muito melhor para todas elas na cidade tão prestigiada para qual se mudavam, que produzia e exportava tanta borracha! Deveria haver muitas oportunidades para ela e as filhas.

A família recém chegada à Manaus foi, então, morar em uma colônia agrícola recém formada, a Colônia Campos Salles, distante de toda a movimentação da cidade. Mas Etelvina queria mesmo era morar no centro, bem perto das praças e dos edifícios bonitos, e dos rapazes também bonitos, que ali passavam, os quais ela ainda não tinha visto, mas imaginava que fosse assim. Suas duas irmãs com idades próximas a dela também pensavam o mesmo, menos a mais velha, que já se encontrava casada, que infortúnio, pensava Etelvina sobre este fato. Ela não se imaginava nem de longe casada, mal tinha feito 17 anos, quem sabe aos 20. Naquele momento só queria conhecer os moços da cidade. No entanto, conheceu antes os moços da colônia. Que, por sinal, logo a notaram, bonita como era, seria impossível não notar.

Etelvina era uma moça linda, com longos cabelos castanhos e ondulados, de estatura não muito elevada, mas ostentando um corpo muito belo, perceptível nas

¹ A autora inspirou-se e reproduziu livremente versos do poema “Santa Etelvina”, de Luiz Bacellar, em *Frauta de Barro*. E no texto de Júlio Uchôa, publicado no *Jornal do Comércio*, em 1956. Além do imaginário popular a respeito da protagonista, que a tornou uma figura mítica.

curvas que seus finos vestidos, em sua maioria, brancos, delineavam e revelavam. Sua pele era clara e ornava muito bem com seus cabelos que caíam por sobre os ombros e iam até o meio das costas, formando uma imagem realmente digna de apreciação. Seu rosto possuía dois olhos atentos e que transpareciam tudo, nas suas cores marrons. Seu rubor era estampado nas salientes maçãs do rosto que conferiam a ela um sorriso largo de menina, mas com malícia de mulher. E foi essa imagem que Estevam, o primeiro dos jovens rapazes a conhecer Etelvina, viu, quando a encontrou pela primeira vez na colônia, na casa da família recém-chegada.

O jovem Estevam era um dos vizinhos, filho de alguma dessas senhoras que foram dar as boas cheganças à dona Rosalina e família, levando um prato de alguma coisa qualquer, que Etelvina nem notara, pois queria mesmo saber se tinha algo melhor pra ver, como um belo rapaz assim como Estevam. Ela, e as irmãs, é claro. Porém, nesses momentos, a primeira a ser notada era sempre Etelvina, parece que puxara, como dizia a mãe, toda a beleza da família. Entretanto, Estevam no auge dos seus 18 anos, era um rapaz muito tímido para conseguir formular qualquer frase com sentido direcionada a Etelvina. Contentou-se em sorrir abaixando a cabeça e ao levantar perceber que recebera um sorriso de volta. Daqueles que ele gravou na mente e não esqueceu mais.

Estevam definitivamente não era um dos rapazes mais bonitos que Etelvina vira na vida, mas era alto e esbelto, além de transparecer esse ar tímido que chamava a atenção da moça. Mas os olhos de Etelvina se encheram mesmo foi quando avistou Henrique, desta vez, moço da cidade, que conhecera em um passeio com a mãe e as irmãs até o centro. Henrique era filho de um comerciante de tecidos, e estava sempre com seu pai na loja, que ficava em um prédio muito bonito, como constatou Etelvina, pois também gostava de observar a bela arquitetura da cidade em seus passeios. O jovem rapaz logo chamou a atenção da menina: possuía lindos cabelos negros e lisos, com espessas sobrancelhas negras que contrastavam com uma pele muito branca. Além de alto e forte, aparentando ter mais idade do que seu pai disse que possuía, a mesma de Etelvina. Desta vez foi ela quem não conseguira balbuciar nada além de um bom dia com um tímido sorriso ao rapaz. Que retribuiu sem transparecer muito interesse, apenas o mesmo que tinha sempre que uma cliente entrava na loja. Como numa situação inversa, Etelvina foi quem não tirou o rosto do rapaz de suas lembranças.

Na colônia, onde passava a maior parte do tempo, sem ir muito à cidade, Etelvina conhecera também Antônio. Este era um rapaz de vida simples e mais velho que os demais, porém muito gentil e educado, um cavalheiro, sabia mesmo como tratar uma mulher, era o que pensava Etelvina. Antônio, nos seus 26 anos, já era homem feito, que não possuía família ainda, mas tocava a colônia de José, conterrâneo de Etelvina, que até o momento não conhecera a menina e a família.

Etelvina e Antônio se conheceram na pequena capela que surgia na colônia, a qual dona Rosalina fazia questão de levar as filhas todas as terças e domingos, muito bem postas para receber as graças do Senhor, pedir e agradecer pela vida que estavam vivendo agora, não era fácil, mas era a que tinham. Porém, iria melhorar, ela tinha esperanças e muitas filhas, se uma casasse com um colono, quem sabe a vida ficasse melhor graças a Deus, pensava dona Rosalina.

Em um dos domingos pela manhã, na capela, já conhecendo Antônio e sua gentileza ao falar-lhe como moça bonita que era, Etelvina conheceu José, o patrão do rapaz. Assim como sua mãe e irmãs, logo se apresentaram. À primeira vista, José se apaixonou por Etelvina e decidiu que queria a menina para si, definitivamente casaria com ela. Uma moça tão linda e pura, obviamente seria dele. Mas Etelvina não se impressionara nem um pouco com José, achou-o simplório, velho e, além disso, fitava-a com aqueles olhares penetrantes, que mais pareciam a despir que a observar. José era realmente pouco interessante: baixote, robusto, rústico e costumava causar asco em todas as moças que o conheciam, não diferente de Etelvina.

Enquanto a menina fantasiava de formas diferentes com Estevam, Henrique e Antônio, que a conquistaram cada um à sua maneira, José tratava de acertar o casamento com a mãe de Etelvina. Dona Rosalina estava exultante com a ideia, enfim outra filha se casaria e a vida iria melhorar se Deus quisesse. A filha, porém, não gostava das visitas de José à sua casa e muito menos do comportamento dele quando se dirigia a ela, tinha algo nele, talvez tudo, que a incomodava muito. Mas dona Rosalina não via nada de estranho não, era um bom homem, um pouco mais velho e experiente, apenas. Além disso, já tinha uma vida feita, um grande terreno, com belas plantações e não casara ainda, que grande coincidência. No entanto, Etelvina não via nada de interessante nisso tudo, quem gostaria de casar com um homem daquele, pensara, por isso deve estar solteiro ainda. Como moça virgem que era não gostava nem de imaginar tal situação se consumando. Agora, se fosse com Henrique, ou Antônio, até mesmo Estevam....

Etelvina repassava a imagem de cada um deles na mente: Henrique era o que mais estava presente em suas lembranças e devaneios de moça nova, era o moço lindo, que encontrava esparsas vezes na cidade em seus passeios. Estevam aparecia-lhe na mente vez ou outra, principalmente quando a observava encantado, enquanto a moça cuidava da casa e ele do pequeno terreno da família, em troca de alguns réis e alguns sorrisos, era o moço tímido. Antônio visitava-lhe a mente em suas lembranças de domingos de manhã na capelinha da colônia, em que travavam pequenos diálogos que a deixavam desvanecida, era o moço lisonjeiro. Pensava que poderia casar-se com qualquer um dos três, pois não queria saber de riquezas mesmo, já que nenhum deles poderia lhe oferecer isso, só queria sentir-se

admirada, apesar de que foi difícil fazer Henrique notá-la como ela desejava, mas conseguira com algum esforço.

Entretanto, tinha José e o arranjo de dona Rosalina. Queriam porque queriam casá-la com aquele homem abominável. Ela entendia que precisava ajudar a família e que José estava disposto a tudo só para possuí-la. Mas ela não queria isso. Porque ninguém a entendia? Não poderia casar-se por sentimento? Aquele sentimento de entrega que ela vivenciava apenas em seus devaneios. Etelvina pensava que nem ao menos queria casar-se ainda e já estava de casamento quase marcado. Tinha apenas 17 anos, achou que com ela seria diferente. Que experimentaria sensações antes de entregar-se a um casamento, no qual ela constituiria uma família e só teria tempo pra cuidar da casa, dos filhos e receber o marido à noite, cansado e sem floreios antes de tomá-la para si, nas noites em que o mesmo tivesse ânimo para isso. Etelvina perdia-se em seus pensamentos, mas não podia dizer isso a ninguém, que não queria casar-se, que estava apaixonada por três outros rapazes tão distintos e que desejava todos eles a seu modo, menos o homem que a desposaria. Não podia dizer, imagina o que pensariam dela as beatas, e sua mãe, e o padre Versoli? Imagina, não! Era melhor nem imaginar. Deveria casar-se, afinal de contas, sua mãe ficaria muito feliz, e já havia sofrido tanto, coitadinha, desde que o pai falecera. Não podia dar esse desgosto tão grande a ela.

Etelvina resolveu consentir em casar-se com José. Dona Rosalina, como a menina imaginara, não podia conter-se de alegria, que maravilha graças a Deus, uma filha iria se casar, a vida ficaria melhor. Só queria o bem da filha, vê-la feliz sem passar necessidade alguma, com um bom homem, um homem de posses, porque não? José, por sua vez, estava finalmente ficando satisfeito, logo possuiria a mais bela moça de toda a Colônia Campos Salles, senão de toda a Paris dos Trópicos, como diziam os narizes empinados da cidade. Todo seu esforço haveria de valer à pena. No entanto, Etelvina não queria proximidades com José, a não ser infelizmente, após o casamento. O homem entendia, tudo bem, chegaria o momento certo, Etelvina era muito casta e pura, não devia nem imaginar o toque dos lábios de um homem enamorado, por isso nem lhe pegava as mãos, contentava-se por enquanto em admirá-la em suas visitas demoradas. Mas logo a teria em suas mãos, logo possuiria a rosa menina do seu sexo em botão, logo seriam dele aqueles dois lírios brancos de pistilos cor-de-rosa, como imaginara ser.

O tempo fora passando e os arranjos para o casamento estavam sendo feitos, sua mãe e irmãs não escondiam a empolgação com o enxoval que estava quase completo. E Etelvina, completamente infeliz, agora mal via os três rapazes com quem delirava em seu íntimo, pois todos já sabiam do noivado, todos já sabiam que em breve seria esposa de José, quem se atreveria a cortejá-la agora? Não mais passava agradáveis momentos com Henrique, na Praça Dom Pedro II, que ficava na mesma avenida em que se encontrava a loja de tecidos, a mesma em que lhe

compraram os tecidos pro vestido da cerimônia. Não mais passava por momentos de contemplação advinda de Estevam, que agora mal ia ganhar alguns réis ajudando no terreno de sua família, quem dirá sorrisos da moça. Não mais recebia galanteios de Antônio ao travarem lisonjeiros diálogos na capela aos domingos de manhã, pois o homem não desejava causar fúria no patrão galanteando sua noiva. Etelvina estava realmente infeliz e ainda nem casara.

O casamento se aproximara e Etelvina definhara a cada dia. Pensava consigo mesma que precisava fazer algo, não suportaria viver assim, tão infeliz e pouco desejada, pouco admirada. Só era notada pelo homem asqueroso, motivo de sua infelicidade. O sentimento beirava o ódio. Já não se importava mais com a empolgação da mãe e das irmãs, que a deixavam cada vez mais enjoada com os arranjos do casamento. Por que aceitara tal coisa? Maldita hora em que se deixou compadecer pelos outros. Devia pensar em si mesma e na própria felicidade. Definitivamente não queria casar-se com aquele homem de nome José, pouco interessante, a começar pelo nome. Henrique e Estevam lhe soavam muito melhor. Até mesmo Antônio, porque poderia imaginar a variante em francês que ela lera em uma revista, Antoine, e estava resolvido. Decidiu então que a partir daquele dia faria algo para se ver livre da situação que a estava matando aos poucos. Não precisou pensar muito.

Nos dias que se seguiram, Etelvina decidiu contar à mãe que não poderia casar-se com José, que a partir daquele momento se dedicaria apenas ao Senhor. Que iria frequentar mais a capela ao lado do padre Versoli. E que sua mãe não poderia intervir nisso depois que ela sonhou com o próprio Jesus chamando-a para servi-lo e entregar-se exclusivamente a ele. Dona Rosalina ficou estarrecida com a notícia, mas religiosa como era, não podia ir contra um pedido do próprio Jesus Nosso Senhor que apareceu tão lindamente nos sonhos da filha, como a mesma contara. Mesmo contrariada em sua vontade de ver a filha casada e na esperança de que a vida melhorasse, dona Rosalina tratou de anunciar a situação a José, explicando-lhe que não podia fazer nada, pois a filha havia mesmo recebido um pedido do próprio Jesus em sonho. Mas que tinha, no entanto, outras duas filhas mais novas, e que se ele aceitasse o noivado com alguma delas, não precisaria dispersar o enxoval, nem desmanchar um casamento vindouro que seria tão bom para todos. No caso dele, principalmente, pois ganharia uma esposa jovem, bonita e prendada, como eram todas as suas filhas.

José ouvia tudo sem acreditar em uma só palavra, queria ouvir da boca de Etelvina, da própria noiva. E falou à mãe que nenhuma de suas outras filhas eram Etelvina, nenhuma das duas eram a moça mais bela que ele já havia visto e que era sua noiva. Mandou chamar-lhe para que a menina explicasse com suas próprias palavras o caso muito aborrecedor pelo qual ele estava sendo obrigado a passar. Etelvina veio então junto de seu, para ela, já ex-noivo e disse com toda a vontade

que podia, como nunca havia lhe falado, que não poderia casar-se com ele e naquele momento com homem nenhum, apenas quem sabe, aos 20 anos, fato que a mãe desconhecia até então. Etelvina disse ao homem que as flores de seu corpo já não podia dar, pois já tinha dado pra Jesus Nosso Senhor. E José apenas teria que aceitar.

O noivo pouco satisfeito não queria acordo, só se casaria se fosse com Etelvina D'Alencar. Se não poderia agora, esperaria mais três anos, que mal tem, até lá Etelvina certamente se apaixonaria por ele, e faria o possível para que isso acontecesse. Comprar-lhe-ia o que ela quisesse, daria a ela tudo o que estivesse ao seu alcance. Mas pensou que não seria bom, homem nenhum rondando uma moça que se dedicaria a Jesus, inclusive ele. Resolveu afastar-se e acatar o pedido da moça, ao menos enquanto conseguisse manter-se distante da menina. Aos poucos a felicidade no rosto de Etelvina aparecera, voltou a ser a menina de antes e a contar a todos quanto podia que não era mais noiva, assim como fizeram todos ao saberem da notícia. Fato que deixou José bastante aborrecido, ao perceber que toda a Colônia Campos Salles sabia de seu infortúnio. Até mesmo na cidade se ouviam rumores, algo que deixou Etelvina exultante, queria mesmo que Henrique soubesse que não estava mais de casamento arranjado. E que agora poderiam voltar a ter seus passeios na praça em frente à loja de tecidos, que ela tanto gostava de visitar.

Assim como Henrique, Estevam e Antônio, também ficaram sabendo da repentina novidade. Estevam sentia-se mais confortável em, agora, não apenas olhar, mas trocar algumas palavras com Etelvina sempre que podia, sempre que ia ajudar o genro de dona Rosalina com o quintal, para ganhar seus poucos réis e muitos sorrisos da moça. Já Antônio não sabia como se portar diante da menina, vendo a infelicidade e constrangimento do patrão com toda a situação, continuava não querendo causar-lhe aborrecimento, caso alguém o noticiasse da proximidade dos dois, conhecia seu gênio. No entanto, Etelvina ia falar-lhe sempre que podia, aos domingos, na capela, e se demorava a dialogar com o moço não mais tão lisonjeiro assim. Fato que Etelvina notou, mas não a aborrecera tanto, sentia-se livre e era isso que importava, queria apenas ser a menina que sempre foi. Logo faria 18 anos, é verdade, mas continuaria a mesma, tinha certeza.

A vida de Etelvina se seguiu assim, extremamente feliz, agora voltando a ser notada pelos moços da colônia e também da cidade. Em especial pelos que já a haviam notado antes. Mas também indo mais à capela, já que tinha dito à mãe que faria isso, ainda que o único interesse mesmo fosse ver Antônio ou outro rapaz que a dispensasse um olhar mais demorado. Suas irmãs a acompanhavam, quem sabe algum moço olhava também para elas, pensavam as meninas e dona Rosalina. Assim, ao passo que Etelvina seguia a vida como desejava, José seguia inconformado, o homem não conseguia deixar de imaginar as flores intocadas de Etelvina, somente nelas pensava, dia e noite, cego e surdo de paixão. Precisava da moça tão

doce e ingênua que dispensara seu amor. Estava disposto a fazer algo a respeito, quando começou a lhe chegar aos ouvidos notícias de sua ex-noiva.

Os rumores que chegavam ao homem eram que a ex-noivinha de José tinha agora três namorados, que só quis desmanchar o casório para ficar de prosa com eles e todos os rapazes quanto pudesse e que não queria saber de Jesus Nosso Senhor não. As beatas diziam que o que ela queria mesmo era ficar de cortejo com os moços que iam à capela, pobres rapazes, diziam elas. Essas meninas não são mais gratas por arranjar um bom casamento, querem em vez disso, ficar fantasiando e mostrando-se aos moços. As beatas não entendiam como dona Rosalina permitiu tal coisa, uma menina de 17 anos desmanchar um casamento assim, por capricho. Será que não pensou que depois disso será difícil conseguir outro casamento, ainda mais com um homem de posses como seu José, um respeitável colono. Na cidade, quem conhecia a história, pensava o mesmo, pobre José, agora sofre por uma menina ingrata, que só quer andar pelas praças com os filhos dos comerciantes. Deviam ter cuidado com meninas assim, elas não querem um futuro sério, apenas difamar um rapaz de família.

José encontrava-se agora, irado. Como fora possível? Seria verdade que Etelvina estivesse metida em tal coisa? Que o dispensasse para que pudesse ficar livre aos cortejos de outros rapazes. Mas como? Aquela criatura tão angelical, pura e casta não seria capaz e para quê? Seu coração e suas certezas estavam agora estremecidos. Havia rumores até mesmo de que estava de caso com Antônio, seu empregado. Precisava saber o que realmente estava acontecendo! E a melhor maneira? Pedir para que alguém de confiança investigasse. Assim, solicitou a um rapaz que estivesse a seus serviços, que lhe trouxesse notícias de sua ex-noiva. Com quem se encontrava, onde, quando, o que conseguisse averiguar. Esperou. Durante uma semana o rapaz recolheu informações da rotina de Etelvina e descobriu dois outros nomes: Estevam e Henrique, dois jovens e belos rapazes. Um na colônia e outro na cidade. E o pior, Antônio estava mesmo cortejando Etelvina. Pensou que este traía e os outros dois iriam ver só. Assim como Etelvina, menina desavergonhada, que jogou seu nome na lama. Não se fere o prestígio de um homem como ele, pensava José.

O homem disse a todos os amigos próximos que se vingaria dos quatro, Etelvina e seus três namorados. Os amigos diziam, deixe disso compadre, sem dar muito crédito à ira do homem, José era cão que ladrava e não mordía, sabiam os amigos. Não faria nada. Enquanto José se perdia em ira e orgulho ferido, Etelvina se perdia em devaneios, sem de fato consumir seus desejos com os rapazes que permeavam sua mente. Sem ao menos tomar conhecimento de como estava realmente sendo notada, apesar de que percebera certa diferença no tratamento que recebia de algumas pessoas, principalmente as beatas da capelinha. Bem, ela imaginou que isto aconteceria, mas não pensou em consequências quando fez o que fez, foi

movida à paixão pela vida que tinha antes e aversão pela que teria em seguida. Era apenas uma menina, apesar de ser mulher por fora e se expressar como mulher por dentro. Era apenas uma menina, repetia para si mesma. Por que seria obrigada a tomar responsabilidades para si desde agora? Ela não, poderia sim esperar até os 20, como fez a irmã mais velha. Logo faria 18, seu aniversário se aproximava. E precisava de tecidos novos para um vestido, pois queria dar um passeio de bonde nesse dia e observar a cidade com Henrique, como planejava.

Antes do fim de semana, para dar continuidade a seu intento, foi à loja de tecidos, a única que ia desde que visitou uma loja destas, a do pai de Henrique, na 7 de Setembro, avenida que ela adorava, pois possuía os prédios mais bonitos e também a praça que visitava com o moço lindo. Na loja, por estar com as irmãs, acabaram escolhendo mais tecidos do que deviam, imagina três moças novas escolhendo tecidos livremente. Ao fim, era mais do que podiam carregar, segundo lhes disse Henrique, agora já entregue às investidas de Etelvina. O rapaz se dispôs a entregar os tecidos pessoalmente em sua casa, mas somente à tarde, quando seu pai estivesse de volta e pudesse ficar na loja para ele então ir à colônia, pela primeira vez. Etelvina alegrou-se com a situação, iria receber finalmente Henrique em sua casa, quem diria. Tratou de voltar logo, queria estar apresentável e o mais importante: lá para recebê-lo.

Na tarde prevista, Henrique se dirigia à Colônia Campos Salles, um pouco distante da cidade, mas pensou que valeria a pena. Iria encontrar mais intimamente a moça que tanto o perseguira nesse meio tempo. Vamos ver o que consigo hoje, pensava o rapaz durante o caminho. Por outro lado, Etelvina não se continha em si mesma, o que iria vestir? É certo que já tinha visto Henrique muitas vezes, mas agora ele estaria em sua casa e poderiam ficar mais a sós, mesmo que por um breve momento. Enquanto Etelvina se arrumava, o rapaz se aproximava. Ao adentrar a colônia, Henrique passara por Estevam, os dois se olharam, mas eram apenas dois desconhecidos e logo sumiram um da vista do outro.

Logo atrás vinha José, estava visivelmente transtornado, algo que Estevam não percebeu, pois nem mesmo vira, tranquilo e despreocupado como era. Só se virou quando sentiu penetrar-lhe as costas o primeiro tiro, disparado pelo rifle que José tinha em mãos. O rapaz tentou correr para desvencilhar-se, mas recebeu o segundo disparo de seu algoz, caindo já sem vida. Henrique ouvira os tiros, mas não soube dizer do que se tratava, só se atentou quando avistou a figura de um homem irado com um rifle em mãos vindo em sua direção. Os dois travaram antes um violento embate corpo a corpo. O jovem adversário, subjogado, foi abatido a tiros e sua caminhada terminou ali, o destino de Henrique foi interrompido. José continuou em sua fúria sanguinária, logo à frente, em outra casa distante do último crime, avistou Antônio, deitado à sombra de uma árvore, próximo a casa da Administração. Mal se anunciou, fez sua terceira vítima, esta nem ao menos

percebeu o que acontecera. As casas eram distantes umas das outras e da beira da estrada, ninguém imaginava do que se tratava tal burburinho na hora do descanso depois do almoço. Aproveitando-se disso, seguiu e chegou à casa de Etelvina. A menina estava ainda escolhendo seu vestido, quando, pela janela, viu cair morto, padre Versoli, que tentou impedir a entrada do homem ensandecido à residência da moça.

Etelvina, vendo a cena, pôs-se a correr pela porta dos fundos de sua casa, ainda em camisã e pés descalços, não teve tempo de vestir o que queria. Não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que precisava fugir. O ex-noivo pondo a porta de sua casa abaixo, a tiros de rifle, passa a seguir Etelvina pela densa mata. A menina correu enquanto pôde, mas por infeliz que era, deixou-se alcançar pelos tiros do rifle, que já tinha feito tantas outras vítimas antes dela, mas se regozijava em sua última. Etelvina veio à Manaus e fora sacrificada às mãos de um conterrâneo seu. Este que lhe possuiu o corpo inerte, morto por sua própria mão, deixando-a como uma rosa esvaída pela brutalização. Em seguida, em seu gozo alucinante, o algoz mira em si mesmo e cai, defrontando-se com o corpo de Etelvina. O casal mórbido permanece ali, até ser encontrado dias depois, devido à revoada de urubus que sobrevoava a mata, indicando o leito de morte de Etelvina e José.

Após a brutal violência que culminou na morte de Etelvina D'Alencar, as pessoas, assustadas, viam agora a pobre moça desafortunada, que se envolvera com tal homem, mas quem diria que seria assim, José parecia ser um homem de bem. E Etelvina, uma pobre moça jovem, de apenas 17 anos. Era apenas uma menina, que Deus a tenha e, tome-a em seu regaço, pura e virgem como era, diziam as beatas da capelinha, tentando confortar dona Rosalina ou qualquer outra pessoa que se lembrasse da moça. Agora sim, uma boa menina, como não haviam visto antes. E a comoção coletiva transformou Etelvina D'Alencar no ser mais puro que já existiu naquela colônia, naquela cidade, naquele estado. Muitos diziam que a menina aparecia para eles espalhando mensagens do amor de Deus. E assim, Etelvina novamente não saía mais dos assuntos das pessoas, e o tempo não deixou que a esquecessem. Em sua homenagem, no Cemitério São João Batista, concedida pelo próprio governador, fizeram-lhe uma lápide: “Mão perversa arrancou-lhe a vida. A piedade do povo do Amazonas ergueu-lhe o monumento”, dizia. Desde então, para sua sepultura, levam rosas e lírios, orações e promessas. Mas o que a menina queria mesmo era ter escolhido seu melhor vestido e encontrado Henrique naquele dia, o moço lindo, que tanto se enamorava. Queria apenas ter sido notada por ele, Estevam e Antônio. Não queria nem José, nem casamento, nem estar na boca do povo. Queria apenas que lhe beijassem a boca, como a menina cheia de desejos que era.

Casado com o Diabo

Miller Brito dos Santos

Qual é o preço que você está disposto a pagar para realizar um sonho? Para Hélio, o preço poderia ser a revelação de um chocante segredo. Não que isso fosse o seu grande temor. A sua maior preocupação era com a reação das pessoas e os possíveis transtornos que ele poderia vir a sofrer.

Era uma tarde de sexta-feira quando Hélio chegou à pequena vila da Visagem, lugar que virou ponto turístico muito por causa da criatividade das narrativas sombrias sobre alguns acontecimentos sobrenaturais.

-O senhor deve ser o Seu Hélio, certo? Sua esposa está lhe esperando. Sua embarcação estava prevista pra chegar mais cedo. Aconteceu alguma coisa estranha no caminho?

-Sim, sou o Hélio, meu jovem. Não aconteceu nada demais. Alguns passageiros ficaram encantados com a paisagem e pediram para o motorista vir mais devagar. Presumo que você seja o guia.

-Sou eu mesmo. Sua mulher chegou há dois dias e tem enfeitado a todos com sua boniteza e papo bom. Com todo respeito.

-Você é religioso do tipo que tem medo do diabo? Pergunto isso porque conheço as histórias peculiares que evidenciam este lugar, são encantadoras. Estar aqui é a realização de um sonho de infância que estou alcançando aos 50 anos. Meu finado avô me contava sobre este lugar, suas aventuras da juventude.

-Não sou religioso. Até que tem uma capela aqui, mas nunca botei o pé lá dentro.

Atheusbaldo colocou os pertences de Hélio num carrinho de mão e seguiram lentamente, conversando e dando risadas. Caminharam por cerca de uns 40min até que avistaram um terreno todo cercado, dentro dele havia um grande bananal e se perdendo de vista, estava a casa em que Dalila aguardava pelo companheiro.

Quando passaram da porteira foi possível notar uma espécie de corredor de plantas espinhosas, sendo impossível desviar da estrada e se esconder no meio do mato. Não sem ficar com o coró todo arreventado.

Há poucos metros da casa, Atheusbaldo avistou um rapaz entrando na casa. Não disse nada, mas pensou que aquilo deveria ser normal, Dalila era jovem demais para o velho Hélio.

-Pensei que fosse me deixar sozinha aqui por mais um dia, querido. Que bom que chegou.

-Porra... que mulher mentirosa do caralho, acabei de ver um rapaz aí agorinha. Perdi a chance de bamburrar também. – Pensou Atheusbaldo.

-Pensando em algo que não devia, docinho?

-Não senhora, jamais. Pelo amor de Deus, não pense isso.

-Cuidado que Ele pune os mentirosos. Já eu não, adoro-os. Venha, Hélio. Estou com saudades do meu pecador preferido.

O jovem Atheusbaldo saiu de lá assustado, imaginando que tipo de feitiçaria aquela mulher seria capaz de fazer. Escolher ficar em uma casa mal-assombrada, lugar que ninguém, nem mesmo os moradores daquele lugar se atreviam nem sequer chegar perto. O corredor de plantas espinhosas foi uma ideia do antigo dono e também o causador da sua morte. Seu Riba, como era conhecido, um dia chegou embriagado em casa e ao passar pelo corredor, perdeu o equilíbrio do corpo e foi abraçado pelos espinhos, ficou gravemente ferido e perdeu bastante sangue. Poderia ter pedido socorro assim que tivesse recobrado a consciência, mas o problema é que ele não conseguiu acordar. Foi enterrado ao lado da casa. Talvez por isso o local tenha sido amaldiçoado. Ou era o que pensavam os moradores.

- Vou pegar ela com a boca na botija, ah se vou. Se ela trai aquele velhote, uma hora eu descubro e ela vai ter que dá pra mim ou eu ameaço contar tudo. Vou ficar de tocaia todo santo dia.

No sábado, logo nas primeiras horas da manhã lá estava o rapaz, tentando descobrir algo. Não esperou o sol despertar, muito menos tomou café. Para não ter que correr o risco de enfrentar o corredor de espinhos, usou de muita sagacidade e subiu em um enorme jenipapeiro que ficava bem ao lado da cerca e que era possível ter uma visão completa da casa. Na varanda foi possível ver o Hélio e o rapaz avistado no dia anterior. Estavam aos beijos.

-Então o coroa corta pros dois lados. Devia ser por isso que tava todo manso pro meu lado, mas eu quero é a Dalila.

Algumas horas depois Hélio e uma moça saíram para explorar o lugar. Atheusbaldo ficou abismado, imaginando como seria possível ter tanta gente naquela casa, uma vez que só tinha uma entrada, pois, por detrás da casa era uma floresta fechada e mais, ninguém viu o rapaz estranho e nem a moça. Dalila era ruiva, alta.

Aquela outra era totalmente diferente. Ele sentiu inveja da sorte alheia. O forte do moço não era a prudência. Sentindo que Hélio já estava longe o bastante, desceu da árvore e decidiu tomar Dalila à força se fosse preciso. Depois ele negaria tudo ou faria chantagem. Ele usaria as recentes descobertas como barganha. Rumou para a casa.

Coração acelerado, medo, excitação, maldade no coração. Atheusbaldo encontrou um papel no final do corredor que dava acesso à casa. Um pequeno galho impedia o seu voo. Curioso que era, pegou o papel e tomou um susto ao ver seu nome e a mensagem que ali continha.

“Deixa de ser abelhudo. Não há razões para madrugar e ficar pegando ferroada de formigas lá em cima daquele jenipapeiro. Cuidado para não acabar encontrando o que tanto procura.”

-Então ele me viu. Mas o que será que aquele desgraçado fez com a Dalila? Deve ter matado e enterrado. Se tivesse matado e deixado o corpo por aí, ainda me servia, ah se servia. Já que não tem Dalila, vou matar ele e ficar com aquela outra.

Saiu dali decidido a matar o explorador. Não se pode entender os motivos banais que levam um homem que até então vivia uma vida pacata, a cometer tais atos questionáveis.

Enquanto Atheusbaldo caminhava e planejava cada passo do futuro assassinato, foi surpreendido com uma visão emblemática. Hélio e Dalila estavam no rio, dentro de uma pequena canoa, aos beijos. Ficou completamente apavorado, questionando a sua sanidade. Logo ele que sempre foi quieto, respeitador, agora estava tramando a morte de alguém, estava abelhudando a vida alheia, querendo planejando estupros, pensou até mesmo em praticar a necrofilia. Refletiu bastante e não percebeu o passar das horas, até que foi novamente surpreendido.

-Olá! Por que um rapaz tão cheio de vida e vigor está tão abatido assim?

-Não estou assustado, senhora. Só estou triste com os meus ganhos que andam cada vez mais raros.

-Ora, não seja por isso. Dalila retirou algumas notas de cem reais e deu para o rapaz que prontamente aceitou. O medo e a vergonha eram imagens fáceis de visualizar no rosto do rapaz.

-Vamos, Dalila. Ainda pretendo usar vocês mais um pouco antes de irmos embora.

Atheusbaldo novamente agiu no impulso e decidiu seguir o casal. O ambiente cheio de árvores, casas e plantações favorecia uma perseguição silenciosa. Durante boa parte do percurso a tática deu certo, mas por um momento o rapaz distraiu o olhar. Pode ter sido apenas alguns segundos, mas quando ele os seguiu com o olhar, foi novamente surpreendido e entrou em choque. Hélio seguia caminhando normalmente, no entanto, quem seguia de mãos dadas com ele era um homem.

Isso mesmo. E esse mesmo homem estava olhando para trás e encarando o curioso rapaz. A nova companhia de Hélio era um homem alto, de cabelos longos e dourados, usava uma minissaia e botas. Não lembrava Dalila em nada.

Já passava do meio-dia, o rapaz estava assustado e com fome. Decidiu ir para casa almoçar e tentar esquecer aquilo tudo. Não mais tentaria entender toda aquela situação.

O medo passou e Atheusbaldo estava novamente pronto para agir com imprudência. Já estava no meio da tarde quando ele resolveu que iria desvendar o mistério de uma vez por todas. As vezes o interesse pela vida alheia pode levar alguém ao caos perfeito.

Escolheu a mesma árvore como ponto de observação. Já não se importava em ser novamente descoberto. Assim que subiu e teve alcance para avistar a casa, se deparou com uma cena de relações carnis na parte externa da casa. Dessa vez, Hélio se relacionava com uma mulher negra. Atheusbaldo não tirou os olhos, ele precisava entender tudo aquilo. Queria entender a mágica das visitas que ninguém mais na vila enxergava ou ficava sabendo pela boca de algum informante não-remunerado.

A revelação veio já no despedir do sol. O rapaz não se conteve com o que viu, tremeu de medo e acabou se desequilibrando e caiu. Não conseguiu ficar acordado e desmaiou.

Ao acordar, Atheusbaldo estava deitado numa rede que estava amarrada na varanda da casa “amaldiçoada”. Hélio e Dalila o observavam. Trêmulo e assustado ele não sabia o que fazer, sabia que fugir era praticamente impossível.

-Está sentindo muita dor, menino? O Hélio insistiu em trazê-lo para cá. Imaginou que você acordaria em choque depois de tudo o que viu.

-Eu avisei para você, meu rapaz. Pedi para não ficar abelhudando a vida dos outros. Todos e todas eram Dalila. Imagino que algumas coisas de filmes venham à sua memória. Não, a minha Dalila não é como a Mística de *X-Man*. Ela é um anjo.

-Não pense em mim como uma mulher ou homem. Não sou como vocês humanos. Meu lugar não é aqui. Meu castigo sim.

-Ela muda de formas conforme o meu agrado e as fantasias dela também. Foi a grande oportunidade que eu tive de aproveitar de tudo, sem julgamentos.

-Eu não vou contar pra ninguém, eu juro.

-Tenha calma. Eu sabia que em um lugar tão rudimentar, cheio de pessoas matutas, alguém iria querer xeretar. Mas eu precisava conhecer fisicamente o lugar que meu avô sempre me falava a respeito. Eu precisava alimentar a imaginação. Até simpatizei contigo, deixei o bilhete avisando.

-Você não vai mais precisar sofrer nesse mundo de merda. Se pudesse, eu já não estaria mais aqui.

-Mas a senhora pode ter tudo, fazer o que quiser e ainda acha ruim?

Dalila nada respondeu e pela primeira vez olhou com desprezo para Atheusbaldo. Ela e o companheiro carregaram o rapaz para o lado de uma vala gigante. Ele começou a berrar e suplicar, foi quando Hélio o empurrou.

-Eu não gostaria de ter feito isso, querida. Mas foi necessário. Tudo pelo segredo.

-Hélio, qual foi a melhor época da sua vida?

-Você sabe. A minha fase mais feliz está sendo com você. Estamos juntos há quase um ano.

-Para os humanos isso é muito tempo, para mim, uma tentativa de distração. Mas você já não me distrai mais.

Hélio não teve tempo de elaborar uma resposta, pois Dalila o empurrou para dentro da vala.

-Você sempre teve medo de ficar sozinho. Como meu último ato para satisfazê-lo, o ajudarei a ficar seus últimos momentos na companhia de alguém. Não pretendo enterrá-los vivos, isso seria muito cruel. Também sei que ninguém virá resgatá-los, pois as pessoas vivem com um medo avassalador de chegar até aqui. Vou seguir perambulando pelo mundo e suportando o meu castigo. Vocês são abençoados com a morte.

Dalila então tomou a forma do Hélio e partiu dali, chegando ao porto comprou uma voadeira e seguiu sem destino. Mesmo os cristãos mantenham intacto o seu nome celestial e sempre o culpem por suas escolhas infelizes, Lúcifer preferiu abandonar o seu nome e aguardar o dia em que findará o seu exílio.

Uma família sem eira nem beira chegou à vila da Visagem e lhes foi cedida de bom grado a casa amaldiçoada. Lá eles prosperam. Talvez por não importunarem a vida alheia.

Psicopompo

Susy Freitas

Farejo a menina, basicamente. Faço o trabalho orientando pela Senhora, que me acompanha com curiosidade. Na vila, as buscas eram mais simples, mas na medida que nos distanciamos e a mata se torna menos bosqueada, começo a me preocupar. Foco, ela diz, pressentindo meus medos. As tochas que carrega tremulam na escuridão cada vez mais sufocante, gerando faces dentro de sua face enquanto o fogo dança sobre nós.

A mãe dera falta da menina um dia. Outros se seguiram e a ausência apenas aumentava. Da filha, restara um lenço de flores no chão, caídos ao lado de uma pequena vala que mais parecia uma cicatriz no descampado. É virgem, é virgem, a mulher repetia quando a Senhora a viu numa encruzilhada, entregue a prantos e à frustração. Outros tentaram ajudá-la antes, e nada. Mas a Senhora não era os outros. Compadeceu-se, e apesar do olhar frio como névoa, tomou-lhe das mãos o lenço e a foto. Era recente. No verso, uma letra cursiva, perfeita, dizia: “Ofereço esta foto a minha querida mãe Demétria, com muito amor. Tefé, 17/4/1983. Com essas pistas, farejo-a.

O brilho do fogo contorna os braceletes da Senhora, que junto a mim se embrenha na relva densa. Pouco lhe importa o vestido que se danifica mata adentro. Diz para seguir, siga, é para cá, como se já soubesse. Munida com a adaga, ela teme muito pouco, e eu mesmo tenho meus recursos além do terçado que abre caminho, cortando as sombras. Sinto-me entrando em outro mundo, onde a Senhora transita com a segurança de sua indiferença.

Num movimento das tochas, uma clareira surge, como se o sobe e desce do fogo conduzisse a um portal. Aqui, formas indistintas se movimentam. Troco o terçado pela pistola, que corre da bainha em questão de segundos. A senhora, por sua vez, mantém a adaga na cintura. Chegamos, ela diz, com seus três rostos que parecem bruxulear nas chamas. Um deles sorri, acho.

Procuramos Cora, ela diz, sem que eu consiga ver exatamente a quem se dirige. Ela não tem esse nome aqui, responde uma voz grave de homem, que se aproxima a cada sílaba. Eu sei, suspira a Senhora, repousando as tochas. A escuridão nos engole de vez. Apenas pelo barulho dos braceletes, tenho certeza que ela liberta os longos cabelos da trança de fios meio castanhos, ruivos e loiros. Venha, deite-se comigo, ela me solicita, Cora nos encontrará pela manhã. Mas Senhora, e os animais? Cobras? Onças?, retruco, dando-me conta que soo como um menino perante a mãe. Nada disso importa aqui, ela responde.

Ao lado da Senhora, descubro que repousa um corte de tecido. Sob o manto grosso e quente, fazemos amor por horas, apesar do cansaço. Nossos corpos parecem energizados, e as formas dela nunca foram tão macias e delgadas. Ela geme, descobre-se e a Lua Crescente ilumina-nos pela primeira vez. Há pelo menos uma dúzia de pessoas ao nosso redor, dormindo profundamente.

Pela manhã, todos se foram, exceto o homem da voz grave. Seu rosto espumante se contorce perante o espelho pendurado num galho, enquanto a navalha escorre e cava sulcos na barba farta. Ele caminha até a beira de um uma cascata cujas águas eu não ouvira antes. Venham, companheiros, venham. A Senhora, que acordara nesse meio tempo, levanta-se completamente nua e banha-se despreocupadamente. Sei que não devo acompanhá-la. O homem une-se a ela, e ali conversam demoradamente, entre pedras e a água cor de chá.

Sinto fome e decido explorar o local. A clareira ao lado da cascata era apenas uma parte do acampamento. Andando pela única trilha possível, chega-se a um ponto mais bem equipado, com três barracões de barro e palha e uma cozinha coletiva. Crianças correm despidas, enquanto que os adultos vestem, em sua maioria, roupas de banho. Uma tocador de fita ecoa uma canção hipnotizante, com guitarras, sinos e piano emergidos em uma voz agressiva e anasalada. Reconheço a menina entre os corpos e os sons. Ela admira a rotação do K-7 no aparelho à pilha enquanto ignora o calor absurdo que recobre seu corpo de suor e lhe cola os cabelos de brilho avermelhado na pele. Morde uma fruta branca de casca carmim, com cerdas que lembram pelos, balançando os pés no compasso da música.

Cora?

Não tenho esse nome aqui.

Perdão. Sua mãe pediu para procurá-la.

Eu sei. Você e a Senhora.

Você a conhece?

Eu a aguardava. Ela abrirá caminhos com sua chave, iluminará segredos com suas tochas e sua adaga será justa, como foi no passado.

Por que a menina diz isso? Como sabe da chave que a Senhora carrega no cordão, de cuja porta desconheço? E quanto a adaga, o segredo que me unia à

Senhora? Ela me estende um dos frutos e a capa vazia da fita K-7. Nela, lê-se: *The Stooges*. Quatro rostos amarelos e intimidadores me encaram enquanto a menina ri copiosamente, limpando as mãos na enorme camiseta preta. Parece maligna, em nada virginal como na foto que lhe entrego em seguida. Rasga-a.

A cada dia que passo no acampamento dos Ctônicos, penso que consigo entender sua rotina, até o momento em que tudo muda. Dormimos na clareira, eu e a Senhora, às vezes cercados pelos demais, dependendo da Lua. Há noites em que fazemos amor, outras não, e em todas ela parece ter vários rostos através da luz do fogo. Não consigo distinguir quantos dias se passaram.

Nem bem o sol nasce, o grupo dedica-se à meditação. Depois, entregam-se a afazeres cotidianos, como reparar e limpar barracas e áreas comuns, preparar a comida, cuidar da plantação de ervas e alimentos básicos e cuidar das crianças, nunca na mesma ordem ou executados pelas mesmas pessoas. Também produzem mel, incomparável em cuidado e sabor, o qual consumimos em todas as refeições. Não há divisão entre homens e mulheres em nenhuma das atividades, assim como não parecem haver qualquer tipo de discriminação. Escutam *Stooges* diariamente, na maioria álbuns de rock, em horários aleatórios. Numa madrugada, ouvi berros vindos da área comum, mas eram apenas as crianças cantando as músicas da fita K-7.

Quaisquer dúvidas de ordem prática são dirigidas ao homem que conversara com a Senhora no igarapé. Por sua vez, ele consulta a Menina, cujo nome nunca é pronunciado. Apesar da aparente liderança, os dois dedicam-se às mesmas atividades diárias e repassam decisões mais complexas à votação dos Ctônicos. Apenas a pele do casal, muito clara, diferencia-os dos demais. Não fossem os blocos de manchas vermelhas de queimaduras de sol, seriam brancos como cadáveres. Os dois gerem o grupo entre sussurros, e por vezes, dá-me a impressão que o homem de semblante severo é, na verdade, mais benevolente do que a parceira.

A Senhora não se direciona nunca a ela. É a Menina que a procura. Na trilha entre a clareiras, seus caminhos se cruzam e, nas águas da cascata, nuas, acariciam-se com a familiaridade de irmãs. Conversam no que chega a soar como outro idioma, tamanha a mistura entre as palavras e a correnteza. A Menina mais ouve que fala. Séria, abre a boca com o que parecem ser perguntas ocasionais. Aprende com ela o cultivo de ervas especiais, que rapidamente crescem com o trabalho de mãos hábeis. Emula os jeitos da Senhora, passa a usar braceletes de fibras douradas, trançadas com uma palha de brilho incomum. O cordão de ouro com a chave passa do pescoço de uma ao da outra.

Cão, Cão!, a voz da Menina me chama na madrugada. O sono da Senhora ao meu lado é inabalável e ouço apenas os braceletes de fibra correndo nos braços da visitante. Ela cobre as crianças que dormem profundamente, um em cada braço da Senhora. Em breve estarei longe daqui. Você deve retribuir o que ela fez por você,

e aponta para a adaga estendida ao lado da coberta, agora iluminada pela luz de uma lua incomum. Troca, tudo é troca. Lembre-se.

Ver a Menina levantando-se dali me confunde. Os corpos dela e da Senhora tornaram-se muito semelhantes, ou talvez seja o resultado da alimentação precária e alto consumo de chás que desconheço. Sinto como se a própria alma da mulher saísse de seu corpo através do movimento da moça, que segue para a trilha. Uma música atordoante começa a tocar, e não me recordo do alcance do som do toca-fitas ser tão alto como agora. A mata parece enlouquecer numa explosão de raias, que faíscam e se dissolvem diante de meus olhos.

Sigo-a. Os Ctônicos dançam em êxtase na segunda clareira, sob a Lua Cheia. Os movimentos logo revelam-se mais que uma coreografia, e sim, uma celebração orgástica. Meu amor, o ciclo se completa, a Menina diz ao homem, tocando-lhe os fios da barba com doçura e domínio, enquanto toma de suas mãos uma taça cheia do que acredito ser vinho. Juntam-se aos demais no sexo, uma massa indescritível de fluidos e gemidos.

Em pé, ao largo daquele organismo, tenho uma série de visões. Penso achar um animal decomposto, vermes moventes sob a carcaça, nutrientes descendo à terra, renovando-a, um ciclo interminável de vida e morte. A chave da Senhora toca o solo e abre uma explosão de flores e frutos cujas sementes reiniciam o ciclo inúmeras vezes perante minha cara embasbacada. Durante toda a revelação, a Menina flutua sobre nós com seu véu e coroa de flores brancas cobrindo os cabelos acobreados. O homem repousa os frutos vermelhos excedentes das explosões sobre os olhos dela, que se transformam na própria substância. Ela colhe o alimento dos globos oculares e os leva a boca enquanto sorri. Ainda assim, sinto que me enxerga perfeitamente, enquanto ele descansa em um trono de carne e ossos, protegido por um cão de três cabeças que baba e rosna estrelas. De súbito, eu sou o cão que entra e sai de dentro dos seis olhos que assistem ao fim e recomeço do mundo.

Acordo e a Senhora já está devidamente recomposta, sentada em sua confortável poltrona no casarão. O vestido vinho cai-lhe com dignidade. Apesar da luz do sol entrar impiedosamente pela janela, revelando-lhe rugas e alguns fios prateados, parece descansada, ao contrário de mim, que sinto o peso das olheiras no rosto e uma enxaqueca incomum. Levanto-me do chão da sala de estar e sento numa cadeira. Cora, estendida no divã, ignora minha presença, limitando-se apenas a admirar o cordão com a chave pendurado no pescoço ao som da tevê que ninguém assiste. A blusa de botões florida, com ombreiras e um tom rosa suave, dá-lhe um ar saudável ao refletir a cor na pele translúcida e contrasta com a lavagem do short jeans e os sapatos de couro.

Como chegamos aqui?

Silêncio, ela se aproxima.

Os tamancos de Demétria ressoam nos degraus que levam à entrada da casa e confirmam sua chegada. Agarra-se à filha, chorando, sem emitir palavras inteligíveis além de obrigada. Mas o alívio dá lugar à revolta rapidamente.

Onde diabos você estava, menina?!, pergunta, com a mão já estendida para o tapa, que não se concretiza graças ao olhar firme de Cora, que parece hipnotizá-la ou convencê-la da inutilidade do gesto. A Senhora lhe estende uma xícara de chá, a qual ela toma em goles nervosos.

Demétria, a menina precisa de orientação, a Senhora sentencia. O fardo é pesado, então por que não o dividimos? Ela deve ficar sob minha guarda por alguns meses.

A oferta é absurda, claro. Apesar de toda a gratidão, por que uma mulher aceitaria deixar a filha sob responsabilidade de uma desconhecida? Além disso, Cora não era mais criança, tinha 18 anos ou quase, e não havia sentido em deixá-la sob tutela de outra pessoa. Demétria, porém, acenou com a cabeça sem questionamentos, entregue às vontades das duas mulheres. Olho para a Senhora, e ela brinca com a chave de seu cordão entre os dedos.

Zeíla e o rinoceronte

Teresa Maciel Ferreira

Olhei-a uma vez, correndo ao portão de casa. Tentava fazer com que eu esperasse, enquanto, suavemente, tocava meu braço e perguntava para onde eu ia. Os olhos, gritando, embora acostumados à cena, pediam-me para ficar. Prendiam-me por segundos intermináveis: senti o tempo parar. A tarde era de quarta e não demoraria para que se fizesse em rosa, laranja ou lilás, até que, enfim, escurecesse. Olhei-a, ali. Os cabelos penteados para trás e os óculos enfeitando a cabeça. Mais tarde perguntaria se não os perdeu em nossa cozinha. A saia estampada em preto e rosa vestia um corpo frágil, de pele escura. Uma lentidão de imagens acompanhava o fluxo do meu êxtase calado e eu não percebia a policromia se aproximando. Sorria ao me contar do café que servira na manhã do mesmo dia a uma de suas visitas preferidas. Gilvan o nome, aprendi de tanto ouvir. Lembrei de quando tocaram-se as mãos pela primeira vez e Zeíla surpreendeu-se com um Rinoceronte tatuado no braço direito do rapaz. Daí veio o codinome entre os colegas militares, ela conta. Gilvan, o Rinoceronte. Uma imagem, depois outra e mais outra, mas a primeira, sempre a primeira: o grito que vinha dos olhos dela. Encaravam-me, penetrantes.

A noite interrompeu a pausa e me levou embora. Atravessei, acenei de longe, olhando para trás. Ela sorriu mais uma vez, como quem agradece por algo, antes de desaparecer completamente. Eu caminhava a rua pensando naquele amor quase impossível. Um jovem e uma senhora de oitenta e poucos anos. Zeíla em sua camisola branca transparente, compartilhando o quarto com um amigo, noturno. A notícia abalando a todos. Voltei e ela estava dormindo. Fui dormir também. Sonhei com ela e Zeneida, uma de suas irmãs já falecidas. Caminhavam alegres de mãos dadas até o final da praça que tem na nossa rua. Conversavam assuntos incompreendidos por mim. De fundo, quase como sussurrado, um canto preferido: *na solidão do quarto, eu beijo o seu retrato e vou dormir sozinha...* Canto que mais tarde a transportou drasticamente a outro cenário. Agora eu a via na sala de cortinas

transparentes inúteis, dançando em ritmo de bolero antigo, com a vassoura e com o cachorro. Rememorando amores nunca superados, todos misteriosamente mortos. E o canto não cessava nunca, no sonho: acelerou até ficar desordenado, em tom e tempo diferentes dos originais, com letras emprestadas de outras músicas, também preferidas e comuns de proferimento. Um emaranhado delas, compartilhando tema único: o amor contrariado. Acelerou e aumentou de volume, fazendo com que o sussurro virasse grito. Tudo enquanto ela rodava, na sala, sorrindo. Parecia escutar outro som, que não o meu. Abraçava a vassoura e o cachorro a moradia pela saia, de modo que rodavam ambos. Sentava, por fim, cansada da dança, próximo à porta da sala, com as cortinas já afastadas, para permitir de fato a entrada do sol. E me dizia: *não fique triste não, que nós viemos para voltar... escute o que eu estou falando... nós viemos para ficar pouco*. Falava baixo, eu quase não escutava, visto que de fundo havia o grito. O gesto era calmo e discrepante aos demais elementos da composição onírica. O corpo, fraco e pálido.

Acordei com um barulho de tiro. Agora, a hora é três e, a madrugada, de dezembro. Chove um minuto e meio. É o suficiente para molhar as minhas roupas e os cabelos e o corpo, desprotegido. Após o toque de recolher, ninguém. As casas devem estar trancadas às dez, com todos os membros dentro, e as luzes apagadas, restando apenas a dos postes das ruas e a dos carros dos vigilantes à espreita. Não se arrisca a desobedecer a ordem, desde que mataram aquele menino de dezenove anos a chutes, chutes no corpo todo, até o rosto ficar irreconhecível, e tiros, às onze de uma noite de agosto. Mas, eu saí assim mesmo, porque Zeíla sumiu mais uma vez. Caminho a passos surdos ao máximo, para ver. O corpo de um homem caído. A arma no braço tatuado com um Rinoceronte.

Pedido, sal e Sodoma

Veronica de Oliveira Sales

Sodoma era o paradoxo da fé. E eu sabia disso.

Meu esposo e minhas filhas vivíamos como ouro no chiqueiro, sempre ser-vimos ao nosso Senhor, mas Sodoma talvez não seguisse nossos preceitos. Não tínhamos ninguém além de nossa família, eu tentara conversar com algumas pes-soas, eu tentei semear o bem naquelas terras podres e inférteis.

“Mulher, não há tempo para essas besteiras” um deles disse.

“Deus no céu, e o inferno na terra, ele nos abandonou” outro falara.

Mas ele virá. Virá por mim, virá por Ló, meu esposo, virá pelas minhas pobres filhas e genros. Eu rezo todos os dias por esse dia, eu glorifico ao Pai por esse dia. Não há nada que me desperte mais ódio do que Sodoma, que Deus me perdoe, mas eu acho que não se salvará ninguém para o reino dos céus.

Certo dia Ló aparecera com dois seres, eu digo seres porque qualquer um notaria que eles jamais pertenceriam à terra. Usavam as vestimentas femininas, mas o rosto tinha um misto de ambos os gêneros, pele marrom como a nossa, cabelos aureolados, olhos negros em que não se podia distinguir a pupila da íris, eles tinham as noites que passei chorando por justiça em seus olhos. Seus lábios eram cheios e os dentes eram incomumente limpos, pareciam os dentes de crian-ças, estas que tinham o gosto do alvo por pouco tempo e já se transformavam em manchas encardidas e pretas ao longo dos anos, até não haver mais nada do que gengivas salientes. Suas vestimentas eram tão azuis como a água de um oásis, e estas não se sujavam com a poeira contagiosa de Sodoma, bem como seus pés não deveriam sentir o solo árido e desgastado de ouvir e sentir o pecado a sua volta.

“Mulher” disse Ló, ele jamais me chamava pelo nome “Prepare uma boa jan-ta e pães fermentados aos convidados, eles passarão a noite aqui”.

Apenas assenti, como boa esposa, minha voz não era necessária em romper o vento. Tardei a entender que aqueles seres eram anjos enviados pelo nosso Senhor. Estes sentaram-se a mesa quando foi posta por mim, um deles repartiu um dos pães dando metade ao que poderia ser seu irmão de tão idêntico.

Bateram em nossa porta assim que os anjos terminaram o banquete. Ló correu para atender o barulho alto e insistente que interrompia nossa paz.

“Tem algum desejo que gostaria, serva do Senhor?” um dos anjos proferiu, a pergunta veio rápida, eu quase não acreditei “Pense nele apenas, e será concedido. Devemos agradecer por seus serviços em terra”.

Pensei com muita força no que já se apropriava de mim há anos. Um deles soltou um riso travesso, enquanto o outro balançava a cabeça. Ouviram-se gritos, um de nossos visitantes correu e puxou Ló para dentro, trancando firmemente a porta, como se para selar o mau daquela cidade. Fui correndo ao outro cômodo assim que ouvi um choro, encontrei minhas filhas assustadas com os barulhos lá fora.

“Shiu, não chorem alto, não podemos ser ouvidas” elas tinham pouca idade, deviam entender que o silêncio deve estar envolto de nossas bocas, e a fé prostada em nosso coração, assim como os nossos maridos em nossas mentes.

Ló entrou no quarto com o terror injetado em todas as feições.

“Temos que sair daqui pela manhã. Tudo vai ser destruído. E não olhem para trás! Falei com meus futuros genros e nenhum deles acreditou em mim” disse desesperado.

Meu desejo se concretizava. Com nada além das vestes tocando o corpo, eu, minhas filhas e meu marido abandonamos Sodoma. No alto do morro, ouvi uma voz me atrair, a voz era macia, tocou meus ouvidos como os panos mais caros da taberna.

“Ana” chamou-me.

“Há tempos que não ouço meu nome” sussurrei, voltei-me para a voz que se manifestava atrás de mim, não poderia ignorá-la.

Senti um enrijecimento no peito, apoderando-se do tronco e logo após de meus membros, eu ainda ouvi os passos de Ló e das minhas filhas agora em minhas costas, o sal veio forte em minha boca, foi o último gosto que senti em vida. Tudo em mim congelou-se, exceto os olhos. Ah! Lá estava meu desejo, construído da forma mais perversa. Sodoma e Gomorra se destruindo por enxofre e fogo.

Eu queria ver Sodoma ser destruída, com essas exatas palavras, eu as pensei, eu as tive. E foi o que eu vi por milênios enfeitada como pedra de sal. O lugar que matou meu pai, violou minha mãe, trouxe medo a mim, enfim destruía-se por diversos eventos naturais ao longo dos anos. Os primeiros minutos me deixaram em êxtase, as horas me deixaram angustiada, os dias me entristeceram um atrás do outro, os anos deixaram-me infeliz e a lamentar pelos meus desejos errôneos, depois

de milênios eu ainda acredito em Deus, mas acredito ainda mais na sua maldade e poder de distorcer meus desejos.

Inabitável e nas profundezas do mar, Sodoma estava soterrada e morta, enquanto eu permanecia no alto do penhasco que vigiava o mar. Quanto mais fundo o pecado ia, mais de mim era levada pelo vento do tempo, eu sentia que em breve minha estadia em terra acabaria. Eu não aguentaria nem mais um minuto a mais.

Sodoma não existe mais. Deus existe. Eu não existo.

Provedor dos sonhos

Wanessa Almeida Ramos

A andar pelas ruas fétidas e perigosas novamente, retorno a pensar sobre como cheguei aqui. Por vezes vi a derrota passar sob meus olhos e subestimar-me. Mas sou invencível. Definitivamente devaneios sempre se manifestam. Mas não há tempo para isso, há quem precise de mim agora. Eles sempre precisam. Ao passar pelos arredores do porto de Marselha, avisto navios com mercadorias incessantes. Em alguns momentos, penso que a movimentação extrema tenha sido a causa da catástrofe dada à velha ilha que Deus concedeu aos cidadãos, pois, sim, para ele tudo há um motivo. E, com certeza, eu fora escolhido para curar os seres da dor eterna. Sempre imune, de fato serei melhor que Nostradamus.

Após a peregrinação, a hora chegou e logo prevejo mais um cliente às ruínas, sucumbindo pestilento à miscigenação dos pútridos humanos. Entrando pela porta dos fundos, soberano que era, tal como todos os abastados que temem serem vistos curvados à ruína, solicitou que mandados trouxessem-nos à sala para os acordos. Apesar de ser uma casa no campo, era demasiadamente bem-apessoada, com compartimentos diversos e bem arejados. Tons arrojados eram muitos para uma época devastadora. Na mesa da sala cláusulas surgiam. O pegamento fora decretado. Hora de encontrá-lo.

Corredor detalhado à madeira e doses de cinza, assim como a porta, traçava o caminho que tivemos que tomar. Tantas vezes percursos assim já foram feitos em minha vida, porém, especificamente neste momento sinto receio. O que faço aqui? Quem sou? Nunca importou. Sou tudo nesta curta passagem que tomo do corredor para o quarto. Enfim os pensamentos cessam e posso analisar o ser à minha frente. Era como os outros, deplorável. A peste o devastou de tal forma que mal podia-se observar os olhos do lordaço. As bolhas infinitas o cobriam até os pés. O grito áspero exigia rapidamente uma solução da minha parte. Sanguessugas que espalhei por ele trabalhavam incessantemente nos linfonodos, de tal forma que se

assemelhavam às suas plebes em labuta. Orações acompanhavam o processo. Eu pedia a Deus que desse amparo, pedia que a compaixão fosse maior que a fúria da transgressão e blasfêmia. A razão fora embora daquele homem que pedia desesperadamente a presença de familiares. Gritos de horror. A fadiga, dor de cabeça e calafrios o faziam delirar. Todos achavam que neste momento diria suas últimas palavras, mas não havia ninguém especial para presenciá-las, apenas nós, meros desconhecidos e seus subordinados a espreitar com velas no anoitecer do quarto febril. Apesar da solidão, fiz o que pude para que voltasse ao estado comum. Voltou. Respirou. Sem mais inquietações. Dirigi a palavra a mim: “Como consegues domar tal criatura. És Deus?”. Dormiu para sempre, ou quase.

A pena era contida. Tomar empatia era necessário. Despi-me da roupa e da máscara com potentes itens aromáticos e me aproximei daquele quase finado desconhecido. As minhas mãos foram de encontro com as dele, iluminaram-se, preenchiam a escuridão do lugar e surpreendiam meus confrades. Ulcerações, amarguras, traumas eram debelados, até que ele estivesse integralmente vigorado. Não havia mais vestígio algum de doença arrasadora, isso fora deixado para o século passado. Esplêndido, sim. Entretanto, como de praxe, efeitos colaterais emergiam, e sem pudor da naturalidade, ele já não era mais o mesmo, a aparência rejuvenescia desenfreadamente. Todos assistiam à cena estupefatos. Felizmente houve um fim, no qual tomava a idade de um homem de vinte e três anos, que pedia um copo de água e a presença da família, coisas que significavam que a memória ainda se encontrava intacta. E bom, eu podia dar-lhe o copo d’água, mas não podia dar a família. Pobre criança perdida em um século de miséria.

Ficar ali já não era mais oportuno. Os homens da casa deram-nos o pagamento, o que já não fazia sentido naquele momento. Saímos do lugar e voltamos à romaria. Era um caminho iluminado, ninguém o conhecia, pois era constantemente oscilante. As paredes, os ares, o formato dos objetos, tudo era colorido, distante, distorcido, tudo era fruto de uma imaginação delirante do criador de tudo: Eu. O imortal capaz de modificar o tempo, este que perfaz o retorno e juntamente com os mortais, tenderiam a quebrar a linearidade inconvertível do tempo, para que assim houvesse ascensão da psicologia humana, que sem dúvida, fora concedida a mim primariamente. Sem medo do retorno do tempo. O pródigo que...

Cai...

Cai...

Cai...

Ele finalmente despenca no choque da realidade, leva um susto por achar que havia caído em uma vala medieval e conseqüentemente se debate na cama do século XXI por achar que era real.

O relógio cansado que já tocava pela terceira vez, o desperta quase sem êxito. O primeiro alarme era às 06:00, o segundo às 06:15 e o terceiro às 06:30. Ele estava atrasado para mais um dia de trabalho cansativo e sem nenhum impacto.

E o óbvio: Não havia cura de doença. Não transpassou de um século para o outro. Não ressuscitou ninguém. Não conduziu a orquestra. Não era Deus. Tinha medo do retorno.

Ele era apenas um historiador amador e colérico em sonhos delirantes, aprisionado em tendências nostálgicas de épocas nunca vividas, que vagarosamente, sonho após sonho, preenchiam seu subconsciente até que fossem a sua realidade sublime.

Em mais um dia...

Em mais um dia fatídico de trabalho debruçou-se nas leves páginas de um livro de cabeceira que despertavam a estranha sensação de que tudo aconteceria novamente. A solidão sempre fazia companhia nessas horas, e isto era o estorvo. Sem mais palavras, sem sentido para qualquer interpretação. Sem ar, oxigênio, nada ia à mente. O que poderia então levá-lo a imaginar de novo? Sonhar, no sentido literal, era a única fúnebre fonte de prazer. Neste momento, não havia como saber. A serenidade no olhar de mais um dia pacato lhe escapara pelos dedos, e agora havia somente a agonia de quem consumia da própria presença. Sem ar. Desprezava quem oferecia ajuda. Sem ar. E sem humanidade para esta vida...

Cai...

Cai...

Cai...

Cai em desespero, ainda em consciência.

Demorou para que o achassem naquele apartamento. Sozinho e sem ar.

Agora já não havia sonhos.

Dormia sem dar satisfações à vida.

A vida do provedor dos sonhos era sempre sem sentido, como este texto, que distorce a sua verdadeira versão.

Egoísta?

Inocente?

Solitário?

Singular?

Sobre autoras e autores

Adoneles Monteiro Paes Fernandes

Adoneles tem 20 anos, é formado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atuou como professor auxiliar na Escola Prof.^a Maria Mendes de Freitas, em 2017, desenvolvendo atividades de reforço em leitura e escrita para alunos da educação infantil. De fevereiro de 2018 a dezembro de 2019, desempenhou trabalhos como professor de Língua Portuguesa na Escola de Ensino Fundamental II Prof.^a Maria Simões Tavares, instituição onde foi organizador do *Projeto Criando Escritores*, que reuniu produções literárias dos alunos em um livro intitulado *Contando histórias*, o qual contém memórias, poemas e contos narrando as experiências de vida dos discentes e o lugar onde vivem, o município de São Sebastião do Uatumã-AM. No decorrer do curso de Letras, Adoneles produziu diversos materiais audiovisuais: adaptações de obras literárias, como *O mágico de Oz* e *O crime do Padre Amaro*, do conto *O tesouro*, de Eça de Queiroz, além de videoaulas e documentários disponíveis na internet. Escreve poemas e contos com temáticas diversas e os disponibiliza em suas redes sociais ou plataformas de leitura online.

Ataíde Junio Fonseca Martins

Nascido em sete de Março de 1984, em Manaus/Amazonas. Professor diurnamente na rede pública estadual de ensino desde 2012 atuando principalmente no Ensino Médio. É graduado em Letras Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA e mestrando em Estudos Literários, também pela Universidade Federal do Amazonas, pela qual faz parte do Grupo de Estudos: Relações de Gênero, Poder e Violência em Literaturas de Língua Portuguesa. Participou, em 2011, da antologia poética *O segredo da crisálida* pela editora Andross na cidade de São Paulo, com o poema “Brisa”. Em 2015, participou da antologia de contos *Quando a Selva*

Sussurra, pela editora Lendari, com as narrativas “*A árvore dos cânticos*” e “*Olhos de Icamiabas*”.

Bianca Souza de Araújo Pinheiro

Nasceu em janeiro de 2001, na cidade de Manaus/AM, onde atualmente estuda. Graduanda em Letras na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, desde muito cedo demonstrou interesse pela escrita ficcional e fantasiosa. Ainda criança, passava os dias escrevendo poemas e histórias infantis, sempre procurando formas de aprimorar seu estilo de escrita. Seu maior sonho é que outras pessoas possam ler o que ela escreve e apreciem seu trabalho. Hoje, continua lutando para aprimorar seu estilo, sempre lendo, absorvendo tudo o que pode nesse meio literário que tanto ama.

Bruno Oliveira

Professor e contista. Mestrando PPGLA-UEA. Fazedor de inutensílios.

Caroline Salignac

Nasceu em 1993 em Manaus (Am). É formada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Publicou dois romances: *Arrufos: desavenças de amor* (2020); *Alcovas: acordos de amor* (2022).

Cátia Siqueira Taboada

Nascida em Boa Vista-RR, foi criada desde de pequena em Manaus, manauara de coração. Formou-se em Letras - Literatura e Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. Fez Especialização em Tecnologias da Aprendizagem pelo Senac de São Paulo. Trabalhou como professora-substituta na UFAM, lecionando Teoria Literária e Literatura Portuguesa e Brasileira. Realizou trabalhos como revisora textual pelo CED-UFAM e pela EDUA. É professora efetiva de Língua Portuguesa do ensino fundamental pela SEMED/AM.

Daniel Amorim

Nasceu em Manaus em 1983. É formado em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas. *Zona de sombra*, seu primeiro livro, recebeu o Prêmio Literário Cidade de Manaus na categoria Arthur Engrácio de melhor livro de contos.

Douglas Laurindo

Douglas Laurindo mora em Manaus (AM). É professor de língua portuguesa, escreve, edita e se dedica à pesquisa. É autor de *O limiar das fendas* (Urutau, 2022).

Emanuelle Antunes Valente

Emanuelle Antunes Valente é uma manauara que viveu a vida inteira em Manacapuru, região metropolitana da capital do Amazonas. Sua relação com a literatura começou nas bibliotecas das escolas onde estudou. No entanto, seu empenho na escrita começa somente ao ingressar na Universidade do Estado do Amazonas, contexto em que as crônicas e contos surgem como válvula de escape para refletir vivências e sentimentos do princípio da vida adulta. Hoje, aos 24 anos, é graduada em Letras - Língua Portuguesa, especializada em Literatura Brasileira e a poucos passos de alcançar o título de Mestre em Letras e Artes, debruçando-se sobre os estudos de literaturas comparadas. Deixando sua criatividade fluir por meio da escrita, Emanuelle Valente é uma amazonense apaixonada pela Literatura e pelo ato de escrever.

Fernando Ferreira

Fernando Ferreira (27 anos) nasceu em Cuiabá (MT) e reside atualmente em Campinas (SP). Formado em Comunicação Social e mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT, Fernando se dedica à literatura desde os 15 anos, tendo contos publicados nas antologias *Por Encomenda* (Editora 7 Letras, 2013) e *Beijo Sem Máscara* (Ed. dos Autores, 2021). Em 2015, foi vencedor do V Prêmio Jovens Dramaturgos realizado pelo Espaço Cultural Escola SESC que culminou na publicação da peça teatral *Leão D'água*.

Israel Leite

Israel é amazonense, nascido nos anos 2000, acadêmico de Letras, apaixonado por leitura e, às vezes, escritor esforçado, às vezes, anotador de mil ideias.

Juliana Rozário do Nascimento

Juliana Nascimento nasceu no final dos anos 90, em Manaus. Tem batracofobia e acha extremamente difícil falar de si. Sua relação com escrita começou no final da infância por influência de um pequeno coração partido.

Luiz Gustavo Cunha

Nasceu em Manaus/AM e estuda Língua e Literatura Portuguesa na UFAM-Universidade Federal do Amazonas. Escreve contos e poemas.

Maíra da Silva Botelho

Nasceu em 26 de fevereiro na maternidade Santa Rita, em Manaus/Amazonas, numa noite superlotada de crianças, em plena Era do *Grunge*. É escritora de gaveta, pesquisadora da área de Literatura, licenciada em Letras — Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA-ENS) e entusiasta de

antologias. Escreve textos de ficção desde os doze anos, porém, a maioria ou se encontra no lixo ou bem escondida.

Miller Brito dos Santos

Natural da Comunidade Quilombola Muratubinha, município de Óbidos-PA. Residente na cidade de Manaus- AM. Autor do livro “Em Busca da Eternidade: contos, crônicas e poemas”, Editora Ases da Literatura, 2022.

Susy Freitas

Nasceu em Manaus, Amazonas. É autora de *Véu sem voz* (Bartlebee, 2015) e *Alerta Selvagem* (Patuá, 2019), vencedor do Prêmio Literário Cidade de Manaus na categoria poesia. É uma das editoras da Revista Torquato. Já publicou poemas na Revista Subversa (online e impressa), 7 faces, Mallarmagens, Poesia Primata, Odara, Jornal Plástico Bolha, Revista Sirrose, Revista Sexus, dentre outras. Posta ocasionalmente no Medium.

Teresa Maciel Ferreira

Teresa Maciel Ferreira nasceu em Manaus, no Amazonas, há 25 anos. É graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atua como profissional de Letras, nos ramos de editoração, pesquisa acadêmica e escrita criativa.

Veronica Sales

Formada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, atualmente mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes na mesma universidade. Interessa-se por temas atrelados à estudos feministas imersos na literatura. Publicou dois contos em duas edições diferentes do *Te conto em contos*. É autista e tem participado das lutas envolvendo essa deficiência. Recentemente tem retornado ao campo introspectivo da escrita e da leitura, buscando entender o *eu* e o *outro*, sem qualquer sucesso.

Wanessa Almeida Ramos

Nasceu em 21 de novembro de 2001, reside em Manaus/AM e atualmente faz graduação em Letras na Universidade do Estado do Amazonas. Ainda criança almejava exteriorizar a necessidade da escrita. Livros, poemas e contos eram a válvula de escape da seguinte pergunta: Por que não tentar algo assim? Questionamentos e desafios próprios regavam a curiosidade de criar novos mundo. É neste sentido que a vontade de prosseguir nesses entornos continuou. Hoje em dia continua percorrendo essa aspiração, explorando novas literaturas e absorvendo o que a arte das letras tem a oferecer.

Título: Contos de oficina

Organização: Allison Leão

Autores: Adoneles Júnior, Allison Leão, Ataíde Junio Fonseca Martins, Bianca Souza de Araújo Pinheiro, Bruno Bonates, Caroline Salignac, Cátia Siqueira Taboada, Daniel Ascensão Amorim, Douglas Laurindo, Emanuelle Antunes Valente, Fernando Ferreira, Ingrid Marcela Souza Moura, Israel de Lima Leite, Juliana Rozário do Nascimento, Luiz Gustavo Cunha, Máira da Silva Botelho, Maria Alice Costa da Silva, Miller Brito dos Santos, Susy Freitas, Teresa Maciel Ferreira, Veronica de Oliveira Sales, Wanessa Almeida Ramos.

Capa e arte final: Raquel Alves Ishii

Diagramação: Marcelo Alves Ishii

Revisão de texto: Antonio Felipe Oliveira Rodrigues

Copidesque: Antonio Felipe Oliveira Rodrigues

Tipologia: Calisto MT 14/18

Número de páginas: 84

